BIBLIOTECA TEOLÓGICA VIDA

5

EL HIJO *Pródigo*

LUCAS 15 A TRAVÉS DE LA MIRADA DE CAMPESINOS DE ORIENTE PRÓXIMO

Kenneth Bailey

Editorial Vida

BIBLIOTECA TEOLÓGICA VIDA

2

EL HIJO *Pródigo*

LUCAS 15 A TRAVÉS DE LA MIRADA DE CAMPESINOS DE ORIENTE PRÓXIMO

Kenneth Bailey

Vida®

A missão da Editorial Vida é ser a empresa líder em comunicação cristã que atende às necessidades das pessoas, com recursos cujo conteúdo glorifica Jesus Cristo e promove os princípios bíblicos.

O FILHO PRODIGIO
Lucas 15 através dos olhos dos camponeses do Oriente Médio

Edição espanhola publicada por
Editorial Vida - 2009
Miami, Flórida

© 2009 por Editorial Vida

Publicado originalmente nos EUA com o título:
A Cruz e o Pródigo
Lucas 15 através dos olhos dos camponeses do Oriente Médio
por Intervarsity Press
Copyright © 2005 por Kenneth E. Bailey
Publicado com permissão da Inter Varsity Press, Downers Grove, Illinois

Tradução: Marga Llavador
Edição: Anabel Fernández Ortiz e Juan Carlos Martín Cobano
Design de interiores: José Luis López González
Design da capa: Pablo Snyder

Todos os direitos reservados. A MENOS QUE DECLARADO DE OUTRA FORMA, O TEXTO BÍBLICO É RETIRADO DA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL DA BÍBLIA SANTA. © 1999 POR INTERNATIONAL BIBLE SOCIETY.

Edição eletrônica © dezembro de 2013: ISBN 978-0-8297-7695-9

CATEGORIA: Estudos Bíblicos / Geral

IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

09 10 11 12 ❖ 6 5 4 3 2 1



“Dr. Kenneth Bailey, tendo passado a melhor parte de sua vida no Oriente Médio, abre a porta para nós para uma perspectiva única sobre as parábolas e ensinamentos de nosso Senhor Jesus. Ao apresentar o filho pródigo, mostra que não há perdão que não represente um grande custo para quem perdoa. Esta edição revisada é uma atualização e expansão maravilhosas de um livro que já é excelente. Tenho o prazer de recomendá-lo.

Muito Reverendo John W. Howe, DD, Bispo da Diocese da Central Florida da Igreja Episcopal.

“O filho pródigo é um livrinho que mudou a opinião dos estudiosos do evangelho em todo o mundo. Em sua edição original (1973), Bailey não apenas se estabeleceu como um intérprete do Novo Testamento, mas também projetou uma abordagem totalmente única dos evangelhos. Seus mais de sessenta anos de vida no Oriente Médio (do Egito ao Iraque) deixaram-lhe um legado de conhecimento e visão da vida camponesa; fluente em árabe; capacidade de trabalhar em sírio, copta e aramaico; bem como um conhecimento íntimo da literatura rabínica. Agora aplique todas essas habilidades às três parábolas em Lucas 15 para abrir a porta para os estudos orientais do Novo Testamento. Hoje, o legado de Bailey é também o de estudiosos como Joachim Jeremias:

Dr. Gary M. Burge, Professor de Novo Testamento no Wheaton College and Graduate School.

«Este livro é para aqueles de nós que querem saber o que Jesus disse às pessoas naquela época e, assim, saber o que a Bíblia nos diz agora. O trabalho de Ken Bailey nos nutre espiritual e teologicamente. Quem gosta de ser surpreendido vai ficar encantado! »

Dra. Rev. Marian McClure, Diretor de Ministérios Mundiais da

Igreja Presbiteriana (EUA).

"Os estudos do Novo Testamento raramente combinam a experiência histórica do estudioso com a imaginação poética do narrador. Em The Prodigal Son, de Ken Bailey, o professor e o dramaturgo convergem. Na primeira seção do livro, a familiaridade única do autor com a literatura cristã do Oriente Médio, juntamente com seu conhecimento íntimo da vida nos povos daquela região, resultam em uma explicação fascinante da parábola do filho pródigo. Sua explicação não surge como o relato sentimental da peregrinação de um pecador arrependido, mas como o retrato de Deus Pai disposto a pagar o que for preciso para recuperar seus dois filhos perdidos; retrato contrário a todas as expectativas associadas a um patriarca.[1] Desse modo, a exegese se transforma e recupera seu meio original, a história.

Ulrich Mauser, Otto A. Piper Professor de Teologia Bíblica.

"Em O filho pródigo, Kenneth Bailey usa sua familiaridade íntima e peculiar com a cultura camponesa do Oriente Médio para iluminar três parábolas preciosas: a ovelha perdida, a moeda perdida e o filho perdido. Bailey acredita corretamente que as comunidades cristãs intimamente ligadas ao mundo bíblico têm muito a nos ensinar sobre o contexto cultural da narrativa bíblica. Esta obra clássica, revisada novamente, fornece novas perspectivas para a compreensão do amor de Deus Pai e vemos como a compaixão da cruz já está presente no ministério de ensino de Jesus Cristo.

Philip Graham Ryken, Ministro Sênior, Décima Igreja Presbiteriana, Filadélfia.

---

1. NE Na edição espanhola deste livro, excluímos este trabalho de teatro, com permissão do autor.

Dedicado a Ustaz Nageeb Ibraheem em cujo coração brilha a luz que a noite não pode extinguir, a luz cuja vida me guiou através de tantas trevas

CONTEÚDO

Apresentação da «Biblioteca Teológica da Vida» Introdução à segunda edição

Prefácio

CRESUMO DE euUCAS quinze

1. Alegrem-se comigo: Lucas 15: 1-10
2. Desejo de morte: Lucas 15: 11-12
3. Um plano para ter sucesso: Lucas 15: 13-19
4. Um cara a cara explosivo: Lucas 15: 20-24
5. O clímax que falta: Lucas 15: 25-

32 Bibliografia em espanhol

Bibliografia em Inglês

Apresentação da «Biblioteca Teológica Tempo de vida"

Qualquer estudante da Bíblia sabe que, hoje, a literatura cristã evangélica em língua espanhola ainda tem muitas lacunas a preencher. Conseqüentemente, o mundo de língua espanhola muitas vezes não possui as ferramentas necessárias para lidar com o texto bíblico, conhecer o contexto teológico da Bíblia e refletir sobre como aplicar tudo isso no curso da vida cristã.

Essa convicção foi o começo de um sonho. A "Biblioteca Teológica da Vida" é uma série de estudos bíblicos e teológicos dirigidos a pastores, líderes religiosos, professores e alunos de seminários e institutos bíblicos, e crentes em geral, interessados no estudo sério da Bíblia. Antes de publicar esta série de livros com a editora Vida, esta mesma equipa de tradutores preparou os 28 livros da "Colecção Teológica Contemporânea", editada pela Editora Clie.

Precisamos de mais e melhores livros para treinar nossos alunos, líderes de igreja e pastores para seus ministérios. E não só no campo bíblico e teológico, mas também no prático - se é possível distinguir entre o teológico e o prático - porque nossa experiência nos diz que, por mais prática que seja uma teologia, ela não trará nenhum benefício para a igreja, se não for teologia correta.

Nesta "Biblioteca Teológica da Vida", o leitor encontrará uma variedade de autores e tradições evangélicas. Todos os autores escolhidos são rigorosamente sérios e tratam os diferentes temas de forma profunda e comprometida.

Esperamos que esses livros sejam uma contribuição muito positiva para o mundo de língua espanhola, assim como têm sido para o mundo de língua inglesa e que, como consequência, os cristãos - bem treinados na Bíblia e na

Teologia - vamos impactar o mundo para que Deus, e somente Deus, receba toda a glória.

Dr. Matt Williams

Editor da «Biblioteca Teológica da Vida» e da «Coleção Teológica Contemporânea» (editorial Clie)
Professor da Talbot School of Theology (Los Angeles, CA., EUA) e do IBSTE (Barcelona)

Lista de títulos, DM

Comentários do Novo Testamento:

Douglas J. Moo, Comentário sobre a Epístola de Santiago (Biblioteca Teológica da Vida, Volume 2, 2009). O objetivo principal de Santiago é a integridade espiritual: fazer uma reflexão teológica sobre a vida, mas, ao mesmo tempo, motivar um estilo de vida de santidade e obediência, totalmente centrado em Deus e não no mundo. Este comentário nos oferece o contexto histórico, que é seguido pelo próprio comentário, onde versículo após versículo descobrimos qual era a mensagem de Tiago, tanto para os leitores originais quanto para a igreja hoje. O autor alcançou uma combinação ideal de exegese e exposição rigorosas e abordagem homilética e devocional. Com isso, ele nos transmite muito claramente como aplicar esta epístola à vida cristã de hoje.

Douglas J. Moo é Professor de Novo Testamento na Wheaton Graduate School, tendo lecionado por mais de vinte anos na Trinity Evangelical Divinity School e autor de Comentário sobre a Epístola aos Romanos: Do Texto Bíblico à Aplicação Contemporânea, publicado nesta mesma coleção .

Comentários bíblicos com aplicativo: Série NIV:

A maioria dos comentários bíblicos é apenas uma viagem de mão única: eles nos levam do século XXI ao primeiro século. Mas eles nos deixam lá, supondo que de alguma forma saberemos como voltar por conta própria. Em outras palavras, eles se concentram no significado original da passagem, mas não se aprofundam em sua aplicação à vida contemporânea. A informação que eles oferecem é muito valiosa, mas é apenas uma ajuda parcial. Os Comentários Bíblicos com aplicação: NIV Series [The NIV Application Commentary Series] nos ajudam com ambas as partes da tarefa interpretativa, isto é, eles também nos ajudam

Eles ajudam a aplicar uma mensagem de outra época ao nosso contexto atual. Não apenas explica o que significava para os leitores originais, mas nos mostra que também há uma mensagem poderosa para a igreja hoje. Para isso, analise cada passagem em três partes: 1) Significado original, 2) Construindo pontes, 3) Significado contemporâneo. Em outras palavras, essa série de comentários comenta o texto primeiro. Em segundo lugar, explora questões específicas, tanto no contexto do autor original quanto no nosso, para nos ajudar a compreender o significado completo de cada texto. E, por fim, sugere como compreender e viver a teologia encontrada naquele livro hoje.

• Klyne Snodgrass, Comentário sobre Efésios: Do Texto Bíblico à Aplicação Contemporânea (Life Theological Library, Volume 4, 2009). Dr. Snodgrass é professor de Novo Testamento no North Park Theological Seminary, Chicago, Illinois.

• Douglas J. Moo, Comentário sobre Romanos: Do Texto Bíblico à Aplicação Contemporânea. Dr. Moo é Professor de Novo Testamento na Wheaton Graduate School, tendo ensinado por mais de vinte anos na Trinity Evangelical Divinity School, e autor de Commentary on the Epistle of James, publicado nesta mesma série.

• David E. Garland, Comentário sobre Colossenses: Do Texto Bíblico à Aplicação Contemporânea. A Dra. Garland é professora de Novo Testamento no Truett Theological Seminary, Waco, Texas, e autora de vários comentários.

• Darrell L. Bock, Comentário de Lucas: Do Texto Bíblico à Aplicação Contemporânea. Dr. Bock é Professor de Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas, Dallas, Texas.

Obras bíblicas, teológicas e ministeriais:

Lee Strobel, O Caso do Verdadeiro Jesus: Um Jornalista Investiga os Últimos Ataques à Identidade de Cristo (Life Theological Library, Volume 3, 2008). A figura de Jesus tornou-se alvo de uma guerra intelectual e recebe ataques contínuos de diferentes lados: salas de aula de universidades, bestsellers, a Internet. Estes violentos

Ataques ao retrato tradicional de Cristo confundiram muitos com preocupações espirituais e lançaram dúvidas entre muitos cristãos. Mas o que acontecerá se sujeitarmos todas essas afirmações radicais e teorias revisionistas a um exame minucioso?

Em O caso do verdadeiro Jesus, o premiado editor jurídico Strobel investiga questões polêmicas como: • A igreja escondeu documentos extra-bíblicos antigos que ofereciam um retrato mais próximo de Jesus do que o dos quatro Evangelhos? • A igreja distorceu a verdade sobre Jesus ao manipular os textos antigos do Novo Testamento? • É verdade que as novas explicações e descobertas refutam a ressurreição? • Os novos argumentos de que Jesus não é o Messias são verdadeiros? • O Cristianismo adquiriu suas idéias básicas da mitologia? Avalie os argumentos e as evidências apresentadas por ateus proeminentes, teólogos liberais, acadêmicos muçulmanos e outros. Examine-os cuidadosamente e, a seguir, dê seu próprio veredicto sobre O Caso do Jesus Real.



Gordon D. Fee, Paul, o Espírito e o Povo de Deus (Life Theological Library, Volume 1, 2007). Para a igreja primitiva, o Espírito era uma presença fortalecedora, e essa capacitação tinha a ver com frutos, testemunho e dons. O Espírito é o retorno da presença pessoal de Deus que vem habitar em nós (individualmente) e entre nós (coletivamente), uma presença que experimentamos e que nos capacita.

Este trabalho tem como objetivo nos levar às escrituras e, assim, fortalecer nossa visão de como o Espírito trabalha para mobilizar os crentes na igreja local.

Gordon Fee é Professor Emérito de Novo Testamento no Regent College, Vancouver, Canadá.



Kenneth E. Bailey, O Filho Pródigo: Lucas 15 Através dos Olhos dos Camponeses do Oriente Médio (Life Theological Library, Volume 5, 2009). Sobre o filho pródigo, uma das parábolas mais comoventes de Jesus, muito se escreveu ao longo dos séculos. Neste livro, Kenneth Bailey reconta essa história familiar, à luz de sua longa experiência como missionário e professor da Bíblia entre fazendeiros no Oriente Médio. Bailey sabe como é a vida nas cidades daquela área, então sua compreensão da parábola do filho pródigo lança muita luz sobre o verdadeiro significado desta parábola de Jesus.

Em 2006, a revista Preaching concedeu-lhe o prêmio de "Melhor Livro de Pregadores do Ano".

Kenneth E. Bailey viveu e ensinou a Bíblia por quarenta anos no Egito, Líbano, Chipre e Jerusalém. Ele escreveu vários livros usando seu conhecimento do Oriente Médio para fornecer uma melhor compreensão do texto bíblico, entre os quais está The Peasants 'Gaze, também publicado nesta coleção.



Kenneth E. Bailey, The Parables of Luke: A Literary Approach through the Eyes of Peasants. A tese de Bailey neste livro é que a passagem do tempo quase não afetou as comunidades camponesas isoladas do Oriente Médio. Portanto, sua cultura ainda mantém os valores das pessoas que ouviram Jesus. Assim, é possível descobrir quais detalhes das parábolas de Jesus significavam para uma pessoa naquela época. Por exemplo, quando um amigo veio pedir pão no meio da noite, ou um juiz se recusou a ouvir o caso de uma mulher, ou alguém recusou o convite de um rei para o banquete de casamento de seu filho.

Graças à sua experiência, Bailey é perfeitamente capaz de nos explicar o conhecimento cultural de quem ouviu Jesus e o impacto que as parábolas devem ter causado em seus ouvintes. Essas explicações do contexto cultural lançaram muita luz sobre o significado das parábolas para os camponeses do primeiro século e, como resultado,

sobre seu significado para hoje.

Kenneth E. Bailey viveu e ensinou a Bíblia por quarenta anos no Egito, Líbano, Jerusalém e Chipre. Ele escreveu vários livros, incluindo As parábolas de Lucas: uma abordagem literária através do olhar dos camponeses, também publicados nesta coleção.

Craig L. Blomberg, de Pentecostes a Patmos: Uma introdução aos livros de Atos ao Apocalipse. Este livro é uma introdução ao contexto e ao conteúdo de todos os documentos bíblicos de Atos ao Apocalipse. Isso o ajudará a entender melhor os elementos históricos, linguísticos e teológicos importantes de cada livro.

Para defini-lo, Blomberg diz que é um guia que reúne tudo o que os estudantes de Bíblia e Teologia precisam saber sobre esses documentos bíblicos. Depois de lidar brevemente com questões introdutórias, como data e autoria, a maior parte deste volume é um estudo do conteúdo de cada livro, incluindo os pontos principais de cada seção, as questões exegéticas distintas de cada livro e algumas aplicações contemporâneas.

Blomberg garante que quem nunca estudou no seminário, mas conhece o conteúdo deste livro, terá uma excelente base nesta parte da Bíblia.

Craig L. Blomberg é professor de Novo Testamento no Seminário de Denver e escreveu vários livros, alguns dos quais foram traduzidos para o espanhol, como 3 Questões-chave sobre o Novo Testamento, publicado nesta coleção.



Craig L. Blomberg, 3 questões-chave sobre o Novo Testamento.

Este livro enfrenta três questões teológicas de dificuldade conhecida: 1) a confiabilidade histórica do Novo Testamento, 2) o debate sobre quem foi o verdadeiro fundador do Cristianismo, Jesus ou Paulo, e 3) como os crentes do século XXI nós são para aplicar o Novo Testamento à vida

todo dia. Ele faz tudo isso oferecendo respostas bem pensadas e fundamentadas que nos ajudam a apreciar o valor da fé cristã e nos aproximar dela de maneira mais profunda.

Baseado nas pesquisas mais sérias, mas escrito em um estilo acessível a todos os públicos, este livro é um excelente guia para pastores, alunos e qualquer pessoa interessada em obter um melhor entendimento do Novo Testamento.

Craig L. Blomberg é professor de Novo Testamento no Seminário de Denver e escreveu vários livros, muitos dos quais foram traduzidos para o espanhol, como De Pentecostes a Patmos: Uma introdução aos livros de Atos a Apocalipse, publicado nesta coleção.



Nancy Jean Vyhmeister, Manual de Pesquisa Teológica. Nancy Vyhmeister escreveu este Manual quando ensinava teologia na América Latina. Posteriormente, foi publicado em inglês e logo se tornou um livro de referência para escrever artigos de pesquisa no campo da religião e da teologia. Vyhmeister fez uma revisão profunda da edição em espanhol para uma maior difusão entre os leitores de língua espanhola.

Bem organizado, repleto de exemplos práticos e projetado para estudantes de teologia, este Manual é uma ferramenta essencial para escrever um artigo completo e bem elaborado.

Vyhmeister explica as diferentes fases passo a passo:

- a seleção do tema e a definição de seus limites
- o uso eficaz de recursos físicos e eletrônicos
- fazendo anotações claras e relevantes
- organizando seus pensamentos
- a criação da obra, incluindo notas de rodapé e bibliografia

- o uso de estatísticas, tabelas e gráficos

Nancy Vyhmeister (Ed.D., Andrews University) tem quarenta e cinco anos de experiência ensinando futuros pastores e professores não apenas nos Estados Unidos, mas em diferentes partes do mundo. Agora que ela está aposentada, ela continua seu ministério global de ensino e pesquisa. É autora de vários livros, publicados em espanhol e inglês, como uma gramática grega para alunos falantes de espanhol.

Introdução à segunda edição

HJá se passaram quase quarenta anos desde que escrevi este livrinho e eu o vejo

reaparece cheio de alegria e com grande gratidão. Os editores da InterVarsity Press me convidaram a refletir brevemente sobre o caminho que este trabalho abriu. Eu considero um privilégio.

Andrew Walls, o célebre historiador escocês especializado no cristianismo não ocidental, afirmou em várias ocasiões que o movimento missionário moderno projetou novas disciplinas acadêmicas. Ele menciona Antropologia e Lingüística, junto com estudos asiáticos e africanos. Talvez haja outra disciplina a ser adicionada a essa lista distinta: os estudos do Novo Testamento no Oriente Próximo. Para muitos, essa proposta pode parecer contraditória. Não é o Oriente Médio o coração do Islã? O que esse mundo tem a ver com o Novo Testamento? Existem dados para este tipo de estudos do Novo Testamento no Oriente Próximo?

Existem mais cristãos que falam árabe no Oriente Médio do que judeus em todo o mundo. Essa demografia é freqüentemente desconhecida no Ocidente, onde se presume que todos os árabes são muçulmanos. Como resultado, embora os falantes de árabe já estivessem presentes no Pentecostes (Atos 2:11), hoje os milhões de cristãos árabes são quase invisíveis para o Ocidente. Essa realidade se deve a pelo menos três razões plausíveis.

Pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill descreveu a divisão crítica entre a Europa Oriental e Ocidental como uma "cortina de ferro". Durante os primeiros séculos depois de Cristo, não foi uma cortina, mas três que caiu sobre o Mediterrâneo e separou o Oriente Médio da Europa.

O primeiro deles foi o Concílio de Calcedônia (451 DE ANÚNCIOS.), que produziu um profundo cisma entre as igrejas do mundo grego e romano, de um lado, e a maioria das igrejas do Mediterrâneo oriental, do outro. Uma

segunda cortina caiu com as invasões islâmicas do início do século VII. Enquanto

O Islã se espalhou por todo o Oriente Médio e se espalhou pelo norte da África, Espanha e também Ásia Menor e os Bálcãs, um abismo que separa o "mundo cristão" do "mundo islâmico". Infelizmente, os cristãos orientais, superados em número pelas poderosas forças muçulmanas, foram os grandes esquecidos. A terceira cortina seria o que chamaríamos de linguística. As línguas dos cristãos orientais não calcedonianos eram historicamente siríaco, copta e árabe. Essas são línguas difíceis, raramente estudadas por estudiosos do Novo Testamento. Essas três cortinas impediram que o cristianismo oriental, com todos os seus tesouros espirituais, fosse conhecido. Isso significa que, por cerca de 1500 anos, nós, no Ocidente, temos interpretado o Novo Testamento sem qualquer contato com os cristãos do Mediterrâneo oriental,

Como judeu, Jesus estava imerso na cultura do Oriente Médio e seus arredores. Sim, o helenismo era muito forte nos dias de Jesus, mas suas primeiras línguas eram o aramaico e o hebraico, não o grego. Tudo isso dá uma grande particularidade ao meu estudo exegético de Lucas 15 e da cultura do Oriente Próximo, que este pequeno livro está apenas começando a documentar.

Minha estada de quarenta anos entre os cristãos do Oriente Médio estava nos primeiros estágios de formação quando escrevi O filho pródigo. Durante essas décadas, ele trabalhou, pensou e ensinou em árabe e, portanto, participou da vida da igreja, enquanto estudava e ensinava os evangelhos de base semítica para pessoas predominantemente semitas. Esses anos incutiram em mim uma sensibilidade muito profunda.

Se a teologia é expressa em conceitos e estruturada por meio da filosofia e da lógica, então suas ferramentas fundamentais são uma boa mente e a habilidade de pensar logicamente. Mas se a teologia é apresentada na forma de uma história, não podemos determinar seu significado sem nos tornarmos, tanto quanto possível, uma parte da cultura do narrador e do ouvinte. NT Wright ilustra esse dilema lindamente para nós em seu novo livro sobre a ressurreição.[1] Wright toma emprestada uma ilustração de George Caird, que registra a frase "Estou louco por meu apartamento". Na boca de um americano, a frase seria entendida como «eu sou

com raiva porque tive um furo. Mas a mesma frase para um britânico significa "Estou encantado com meu novo apartamento". Você tem que entrar na cultura da qual está falando, se quiser entender o que eles estão dizendo. Bem, o mesmo se for sobre a vida e os ensinamentos de Jesus. O Espírito não esteve sem testemunhas ao longo dos séculos. Ainda assim, existem certas camadas de percepção que só são reveladas quando a cultura do Oriente Próximo é entendida e aplicada na interpretação das Escrituras. Lucas 15 é um exemplo claro desse fato.

É vergonhoso para um jovem pedir a herança de seu pai enquanto ele ainda está vivo? O silêncio do seu irmão mais velho é ameaçador? Que reação se pode esperar do pai? É uma vergonha para a família, perante a comunidade, que o jovem venda a sua parte? Quando a criança "acorda", ela está "arrependida" ou "apenas tentando conseguir algo para comer"? Por que não há mãe na história? Você está humilhando sua família quando corre pela estrada? Um pai pode abandonar seus convidados para ir ao quintal conversar com um filho amuado? E, em caso afirmativo, o que significa? Essas perguntas, entre muitas outras, apareceram com o tempo em minha tela mental, quando tive o privilégio de viver e treinar no Oriente Médio desde minha juventude e por quase toda a vida.

Este livro foi minha primeira tentativa de tomar a cultura do Oriente Próximo como ponto de partida para a interpretação de um conhecido texto dos Evangelhos. Desnecessário dizer que não pode ser simplificado e dado como certo que a cultura atual do Oriente Médio é idêntica à do primeiro século. Mas em povos tradicionais e conservadores, o Oriente Médio forneceu uma base cultural para me estabelecer quando as questões acima me forçaram a buscar respostas ponderadas. Sem essa base, as perguntas não teriam me ocorrido e, conseqüentemente, eu não teria buscado as respostas. Apesar das limitações, estava claro para mim que, ao examinar as parábolas de Jesus, era melhor usar as lentes da cultura do Oriente Médio do que a da minha cultura americana contemporânea herdada.

Meu estudo de Lucas 15 evoluiu tanto no método quanto na percepção. Eu distingo cinco estágios diferentes:

1. Cultura tradicional do Oriente Médio. Meu ponto de partida foi o supracitado privilégio de viver entre os cristãos daquela região e

Aprenda com eles.

2. Literatura cristã oriental do Novo Testamento. Quando comecei a estudar e pesquisar, gradualmente tomei conhecimento dos 1.800 anos de traduções do texto do Novo Testamento do grego para o siríaco, copta e depois para o árabe. A tradução sempre traz uma interpretação. Qualquer tradução é um mini comentário. As primeiras traduções deles me acompanharam diariamente por décadas. Então descobri os grandes comentaristas siríacos do Novo Testamento, como Hibatallah ibn al-Assal e Abdallah ibn al-Tayyib. Esses e outros estudiosos árabes permanecem não publicados em outras línguas e, portanto, desconhecidos além de um pequeno círculo no Oriente Médio. Dezenas de milhares de sermões exegéticos escritos à mão estão esperando por mim.

3. Rabinismo. Não há substituto para as fontes originais. Ler a Mishná de capa a capa duas vezes foi uma aventura emocionante, em parte porque lê-la me trouxe de volta à típica cidade do Oriente Médio como eu a vivi. Na verdade, ler me deu uma forte sensação de "déjà vu". Após a exposição formativa à vida judaica, pude ver claramente que as estruturas primárias da vida cotidiana, que eu já havia observado na vida de povos típicos do Oriente Próximo, podiam ser documentadas a partir dos ditos dos rabinos do século I e, depois, da Babilônia para Jerusalém. Ler os quase vinte e nove volumes do Talmud Babilônico me forneceu dados adicionais, assim como o Talmude de Jerusalém. Também foi muito gratificante viver alguns anos entre os dez volumes do Midras Rabba,

Não se trata das mudanças econômicas, políticas e sociais que são inevitáveis em qualquer comunidade. Também não entendo que uma interpretação rabínica do terceiro século de um salmo em particular fosse necessariamente a mesma que uma do primeiro século. Em vez disso, como escrevi em outra ocasião:

> *Para interpretar as parábolas de Jesus, o intérprete (consciente ou não) inevitavelmente tomará decisões sobre atitudes em relação a mulheres, homens, família, estrutura familiar, lealdade familiar e suas demandas, filhos,*

estilos arquitetônicos, métodos agrícolas, líderes, estudiosos, autoridades religiosas, comércio, artesãos, servos, hábitos alimentares, dinheiro, lealdade à comunidade, tipos de humor, narração de histórias, métodos de comunicação, o uso de metáforas, tipos de argumentação, formas de reconciliação, atitudes com o tempo, com os governantes, o que pode produzir comoção e em que nível, reações a situações sociais, motivos de raiva, atitudes em relação aos animais, reações culturais e emocionais a cores diferentes, códigos sexuais, a natureza da honra pessoal e social e sua importância , assim como muitas, muitas outras coisas.[dois]

Todo ser humano, qualquer que seja sua cultura, possui um conjunto de atitudes que compõem o exposto. Essas atitudes culturalmente condicionadas funcionam inconscientemente e inevitavelmente influenciam a maneira como cada pessoa lê qualquer história. Minha experiência disso no Oriente Médio, confirmada por meio de uma leitura séria das primeiras fontes rabínicas, me permitiu escapar de meu próprio cativeiro na cultura ocidental.

4. *Salmo 23*. Enquanto viajava pela mente de Jesus, o Rabino, gradualmente percebi que a parábola da "ovelha perdida" em Lucas 15: 3-7 era uma "nova versão" do salmo do amado pastor. Ao puxar esse fio, descobri muitos novos tesouros na parábola.[3]

5. *Jacob*. Às vezes, você se depara com uma nova descoberta quando não estava procurando por ela. Foi o que aconteceu comigo enquanto assistia a uma palestra muito contundente sobre a história de Jacob, aí eu percebi. Fui encorajado a coletar cinquenta e um pontos de comparação e contraste entre a história de Jacó que encontramos em Gênesis 27: 1-36: 8 e a parábola do filho pródigo. Ao desenvolver a grande parábola dos dois filhos perdidos, Jesus estava claramente reescrevendo a história primitiva que deu a Israel seu nome e identidade.[4]

Outro aspecto da importância desta grande parábola é o tema do testemunho cristão no diálogo ou no confronto com o Islã. O 11 de setembro de 2001 e suas consequências colocaram o Cristianismo e o Islã frente a frente e em conflito.

uma situação mais crítica do que há quarenta anos. O Islã continua a ler a parábola do filho pródigo como uma negação da encarnação e da expiação. (À primeira vista, o filho pródigo parece se reconciliar com seu pai sem ajuda e por seus próprios esforços. Nesse caso, Jesus está refletindo nesta parábola uma teologia islâmica.) O filho pródigo tenta dar algumas respostas a esse desafio.

Para mim, este livro foi o início de uma jornada que durou décadas. Talvez seja uma "voz clamando no deserto". Espero que não. Existem outras vozes mais capazes do que a minha, que podem mergulhar mais profundamente na cultura oriental e interpretar com mais precisão as riquezas inesgotáveis das histórias de Jesus? Eu espero que sim. Este passo cauteloso e inseguro é o possível início de uma nova disciplina que um dia poderia ser apelidada de "Estudos do Novo Testamento no Oriente Próximo"? Não sei. Só posso esperar que os jovens tenham visões e os idosos tenham sonhos (Joel 2:28; Atos 2:17).

Para encerrar, talvez eu deva mencionar a peça que escrevi sobre o filho pródigo.[5] Se "a história" é um tipo sério de linguagem teológica capaz de criar significado, então o drama e as emoções não podem ser ignorados. A dificuldade é que o "teatro bíblico" contemporâneo é freqüentemente misturado com ficção e, no processo, a ficção freqüentemente supera o texto bíblico e sua mensagem. Quando isso ocorre, o teatro se torna uma ferramenta deliberadamente projetada para apresentar as idéias do dramaturgo, violando a visão do autor bíblico.

Escrevi os roteiros de dois longas-metragens produzidos profissionalmente, um dos quais é baseado nas três parábolas de Lucas 15.[6] Ao longo do ano do processo de revisão do roteiro deste último filme, bem como durante as filmagens, estive sob constante pressão para ignorar as idéias percebidas de Jesus e permitir que a peça apresentasse as idéias do diretor. Consegui resistir graças ao apoio dos produtores, mas sempre esteve lá. Talvez seja essa pressão que historicamente manteve a interpretação bíblica séria separada do teatro bíblico. Além disso, pode não ter ocorrido a muitos que uma boa história carrega emoções e que o teatro pode ser disciplinado e servir ao propósito de uma exegese séria.

Espero que outras pessoas sejam inspiradas a trilhar esse caminho frequentemente negligenciado. Decidi desde o início unir exegese séria com teatro sério. São coisas que andam juntas. Deixe o leitor julgar o sucesso ou o fracasso desse casamento.

Sim, "uma jornada de milhares de quilômetros começa com um passo". O clímax dessa famosa frase é que "esse primeiro passo deve ser dado na direção certa". Olhando para trás, tenho a sensação de que o "primeiro passo" dado com esse modesto esforço estava indo na direção certa.

Minha oração, caro leitor, é que essas três parábolas de Jesus, aqui esclarecidas, sejam tão estimulantes para você em seu caminho de fé quanto foram para mim.

"Ele estava morto, mas agora voltou à vida; Estava perdido, mas já o encontramos.

Kenneth E. Bailey

---

1. Nicholas Thomas Wright, *A Ressurreição do Filho de Deus: As Origens Cristãos e a questão de Deus,* Editorial Verbo Divino, Estella, Navarra, 2008.

dois. Kenneth E. Bailey, *Encontrando os Perdidos: Chaves Culturais de Lucas 15* [Finding the Lost: Cultural Keys to Luke 15], Concordia, St. Louis, 1992, p. 32

3. Isso me levou a escrever o livro *Encontrando o Perdido*.

4. Kenneth E. Bailey, *Jacó e o filho pródigo: como Jesus contou a história de Israel História* [Jacob and the Prodigal: How Jesus Retells Israel's Story], InterVarsity Press, Downers Grove, IL, 2003.

5. NE Na edição espanhola deste livro, excluímos este trabalho de teatro, com permissão do autor.

6. *Ele estava perdido e foi encontrado* [Ele estava perdido e nós o encontramos], filme produzido no Cairo, Egito, em árabe (com legendas em inglês). Duração: 110 min.

Prefácio

PARA Ao longo dos séculos, desde o advento do Islã, vozes Mulheres muçulmanas ecoam o grito “Os cristãos perverteram a mensagem de Jesus”, apontando como prova a famosa parábola do filho pródigo. Sua posição pode ser formulada da seguinte forma:

> *Nesta parábola, é óbvio que o pai representa Deus, enquanto o filho mais novo representa a humanidade. O filho sai de casa, tem problemas e finalmente decide voltar para seu pai, "yistaghfir Allah" (buscar o perdão de Deus). Ao chegar, o pai dá as boas-vindas ao filho, demonstrando assim que o pai é "rahman wa rahim" (misericordioso e compassivo). Não há cruz e não há encarnação. Não existe "filho de Deus" e não existe "salvador". Não há "verbo que se torna carne" e não há "caminho de salvação". Não há morte ou ressurreição. Não há mediador ou mediação. O filho não precisa de ajuda para voltar para casa. O resultado é óbvio. Jesus é um bom muçulmano que, nesta parábola, está confirmando a teologia muçulmana. Portanto, o próprio profeta que o Cristianismo afirma seguir nega o cerne da fé cristã. O Islã,*

Os cristãos árabes no Oriente Médio tiveram que lidar com essa crise de interpretação por mais de um milênio. Agora o mundo moderno enfrenta de certa forma essa mesma crise. Como resultado da emigração e de toda uma série de conflitos internacionais, gostemos ou não, a interação entre o Cristianismo e o Islã é inevitável! O que podemos dizer sobre esse fato?

RC Trench, em suas famosas Notas sobre as parábolas de Nosso Senhor, observa que durante séculos a história do filho pródigo foi chamada Evangelium in Evangelio. Trench afirma que este título é amplamente

justificado.[7] Se ao longo dos séculos é assim que a igreja vê essa parábola, como ela não parece se referir à encarnação (Deus vem a nós em Jesus) ou à expiação (a cruz é um poder salvador)? Se a cruz é essencial para o perdão, por que parece estar ausente desta parábola? Tendo passado décadas servindo às igrejas cristãs árabes do Oriente Médio, tenho exigido que eu encontre respostas para essas e outras questões teológicas relacionadas. Uma parte deste livro é um resumo das respostas a esse desafio.

Discuti extensivamente as três parábolas da ovelha perdida, a moeda perdida e os dois filhos perdidos (o filho pródigo) com estudiosos analfabetos, pastores, anciãos e camponeses de todo o mundo árabe, lutando para entendê-los em seu próprio ambiente. - ambiente cultural oriental. Além disso, tenho seguido os comentários ao Evangelho de Lucas escritos séculos atrás em árabe e siríaco, bem como os comentários da tradição ocidental a essas parábolas. Também examinei a literatura inicial relevante da comunidade judaica na Mishná e nos dois Talmudes. Meio século de estudo, tentando olhar para essas parábolas com os olhos do Oriente Médio, me deu uma nova visão delas.

O resultado tem sido uma nova maneira de falar sobre o âmago de nossa fé, dirigindo-se à mente muçulmana oriental e, espero também, à mente secular ocidental. Minha oração é que também sirva para explicar a fé cristã no Sul em geral.

Durante anos, a música foi de grande ajuda na comunicação do conteúdo emocional dos Salmos. A segunda parte deste livro é uma peça que tenta expressar o conteúdo teológico e emocional desta parábola. Escrevi a peça Two Sons Have I Not para ser lida (em público ou particular) e encenada.[8] Por séculos, dramaturgos pegaram histórias bíblicas e as moldaram de acordo com suas próprias idéias; freqüentemente ignorando deliberadamente a intenção dos autores bíblicos. Este não é meu objetivo. Pelo contrário, trata-se de apresentar, de forma dramatizada, o conteúdo teológico que tenho a certeza que o seu autor original, Jesus de Nazaré, lhe deu. Esse conteúdo já estava implícito na própria parábola para quem compartilhava da mesma cultura. Espero que a dramatização das tensões e emoções que compõem esta história possa

ajudam a esclarecer e comunicar seu significado a pessoas de outras épocas e culturas.

Jesus estava se dirigindo aos camponeses do Oriente Médio. Portanto, mesmo as pessoas cultas tinham suas raízes no campo. O que está nas entrelinhas, o que é sentido, mas não dito ... tudo isso tem um significado profundo. Na verdade, dificilmente pode ser expresso, uma vez que não é algo que é adquirido conscientemente. O que "todo mundo sabe" nunca é explicado.

No Oriente Médio, "todo mundo sabe" que ser cortês com o pai é muito mais importante do que obedecê-lo. Jesus discorda. É por isso que ele explica a história de um pai e seus dois filhos e declara que o bom filho é aquele que obedece, por mais rude que seja com o pai (Mateus 21: 28-32). Quando não conhecemos as atitudes latentes ali, é fácil que a natureza revolucionária da parábola passe despercebida.

A população rural do Oriente Médio permaneceu quase inalterada por séculos. Em aldeias isoladas, encontrei meninas fazendo bonecas de barro muito parecidas com as deusas da fertilidade dos tempos do Velho Testamento. Os padrões de fala, vestuário e estrutura familiar persistem em ser os mesmos. O padre Henry Ayrout, em sua famosa monografia antropológica sobre o camponês egípcio, intitulada The Fellaheen, escreve:

> *Os fellaheen mudaram seus professores, sua religião, sua língua e sua cultura, mas não seu estilo de vida ... Vemos hoje nas ruínas do norte da África ou da Caldéia que violentas e repetidas convulsões varreram povos inteiros do mapa ... mas os fellaheen eles permaneceram firmes no lugar ... Eles são tão impenetráveis e resistentes quanto o granito de seus templos e tão lentos em desenvolvimento ... Isso não é uma mera impressão. Podemos ver os fellah usarem os mesmos utensílios (o arado, o shaduf, a saqia, etc.), os mesmos métodos de tratamento do corpo, muitos do mesmo casamento e costumes funerários ... Nas páginas de Heródoto, Diodorus Siculus , Strabo Nós, Al-Maqrizi, Vansleb, Padre Sicard e Volney podemos encontrar esses mesmos fellah. Sem nenhuma revolução, sem nenhuma evolução.*[9]

Quase todas as pessoas, do passado ou do presente, que tiveram o privilégio de trabalhar por muito tempo nas aldeias do Oriente Médio atestam o mesmo: o pétreo conservadorismo do campesinato. Hoje em dia, um dos melhores elogios que um aldeão pode fazer a seus semelhantes é o de um "conservador de maneiras". Como resultado, em geral, as atitudes das aldeias gozam de grande antiguidade.

Quando um artista cristão japonês pinta um retrato da virgem e da criança, as figuras parecem japonesas. Se insistirmos em ser literais, essas figuras foram "distorcidas" pela comunidade e pela cultura. Ainda assim, a pintura comunica algo essencial e significativo. Na verdade, são as marcas japonesas que dão sentido à pintura. A compreensão ocidental das Escrituras também é condicionada pela história e cultura ocidentais. Não há como escapar. Não posso empurrar o ônibus se entrar. Não há ninguém em nenhuma cultura com uma visão despersonalizada do mundo do espaço sideral. Portanto, se a "coloração" cultural é inevitável, Por que não procurá-lo em uma sociedade camponesa tão semelhante quanto possível à da Palestina do primeiro século? A única alternativa que resta para aqueles de nós fora do Oriente Médio é recorrer a nossas próprias percepções culturais. Os únicos olhos que tenho para olhar para o mundo são os meus. O pressuposto básico deste estudo é que olhar para a parábola do filho pródigo pelos olhos da sociedade camponesa conservadora do Oriente Médio (passado e presente) é um ponto de partida melhor do que o das culturas da América do Norte e da Europa.

Neste estudo, dispensamos a abundância de material explicativo e crítico tradicional. Nem busquei reciprocidade com os vários comentaristas contemporâneos dessa parábola. Este livro enfatiza novos insights.

Jesus falava aramaico, hebraico e provavelmente um pouco de grego. Não vou debater agora se as fontes de Lucas, no caso das parábolas, eram gregas ou aramaicas, escritas ou orais. Mas em algum momento vou me referir à tradição bíblica árabe de 1.200 anos, que é um lago abastecido pelas correntes interpretativas copta, grega e siríaca. A tradição da tradução árabe é praticamente desconhecida e, portanto, não foi examinada.

Ao longo do século vinte, os estudos bíblicos levaram muito a sério as formas orais. Neste caso, as diferentes formas de falar das pessoas também são esclarecedoras e iremos referir-nos a elas quando chegar a altura certa.

Todas as citações bíblicas vêm da NIV ou são traduções minhas do original em grego.

A caligrafia árabe é uma arte milenar no Oriente Médio. O Islã proíbe o uso de formas humanas ou animais na arte religiosa, e a escrita decorativa freqüentemente preenche o vazio deixado a esse respeito. Os artistas muçulmanos apenas embelezam o texto. Com as placas introdutórias dos capítulos, tentei levar essa arte um passo adiante, tentando representar simbolicamente uma parte do significado do texto. Cada folha é acompanhada por sua tradução e um comentário.

Sempre que possível, usei uma linguagem inclusiva, mas tive que usar a terceira pessoa ocasionalmente, quando a construção da frase o exigia. Nesse caso, é uma questão de clareza e de forma alguma se pretende desrespeitar o leitor.

Quero agradecer ao Sr. Andrew Le Peau da InterVarsity Press pela oportunidade que ele me deu de reescrever completamente este material para esta nova edição. Sou profundamente grato à Srta. Elizabeth Hill, que passou dois verões egípcios consecutivos, em temperaturas insuportáveis, digitando os dois primeiros rascunhos da primeira edição deste manuscrito. Ele teve que suportar pacientemente minha caligrafia e corrigir minha ortografia abominável. Também estou em dívida com a Sra. Evelyn Steele, de Pittsburgh, que se ofereceu para digitar a terceira revisão, igualmente ilegível, apesar de suas muitas responsabilidades familiares.

Sara Bailey corrigiu e revisou cuidadosamente o texto completo desta nova edição e agradeço a ela de todo o coração. Não sei como expressar minha gratidão à minha querida esposa, sem cuja colaboração na vida este manuscrito nunca teria nascido.

Soli Deo Gloria!

7. RC Trench, *Notas sobre a parábola de nosso Senhor*, John W. Parker, Londres,
1857, pág. 387.

8. Nesta edição em espanhol, excluímos o dito jogo, com
Permissão do autor.

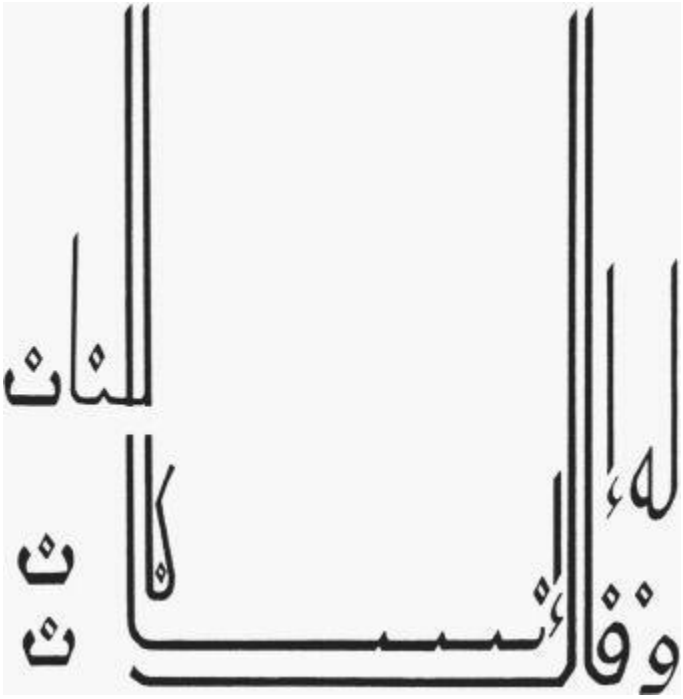
9. Henry Habib Ayrout, *O fellaheen*, trad. ing. Hilary Wayment, ed. rev., R. Schindler, Cairo, 1945, pp. 19-20.

euà caligrafia decorativa sob o título do primeiro parte diz em árabe: "E ele disse: 'Um certo homem tinha dois filhos." Os personagens à direita simbolizam o filho mais novo, que por rebelião está fora do relacionamento com seu pai.

O filho mais velho (os personagens à esquerda) parece estar na casa, mas na realidade também está fora.

Ambos os filhos estão igualmente presentes desde o início.

Comentário de Lucas 15



ЖЖЖ

ENo Evangelho de Lucas, Jesus começa sua última jornada a Jerusalém no capítulo 9 e chega no capítulo 19. Nesta seção, o conflito que está fermentando com os fariseus culmina em uma reclamação sinistra: "Este homem acolhe pecadores." A imagem mostra como suas palavras (no final do texto) revelam seu ser interior. A adição de dois traços curtos faz com que as linhas grossas crescentes pareçam as colunas de um edifício, porque os fariseus se consideram as colunas da casa de Israel. As linhas exteriores são fortes e portentosas.

No meio da sua reclamação surge a alegria do pastor: "Alegra-te comigo!" Jesus, por meio do pastor, pede aos fariseus que encham seus corações com a alegria de acolher o pecador que retorna entre eles. O grito do pastor é franco, livre e alegre.


معي
إفرحوا
هذا بقبل خطاة
Alégrense Conmigo
Este Hombre
Recibe A Pecadores

1

Alegra-te comigo

LUKE 15: 1-10

Ж

Muitos cobradores de impostos e pecadores se aproximaram de Jesus para ouçam, então os fariseus e os professores da lei começaram a murmure: "Este homem acolhe o pecadores e comer com eles. " Ele Então ele contou a eles esta parábola: (Versos 1-3)

Tempestades violentas estão se formando no Mar da Galiléia muito rapidamente. Até pescadores experientes como Pedro e Juan às vezes se surpreendiam com eles. Lucas 15 começa estrondeando mais alto do que um trovão sobre o lago. A classe religiosa se sentiu totalmente ameaçada por esse inovador. Jesus estava a caminho de Jerusalém quando estava contando essas histórias; seria lá que a tempestade pairaria sobre ele, na tentativa de eliminar a ameaça que ele representava para a elite governante.[1]

As três histórias de Lucas 15, com aparência ilusória de simplicidade, criam um clímax tenso que culmina no confronto entre o pai e o filho mais velho ao final da parábola do filho pródigo.[dois] O que o filho mais velho fará com o pedido de reconciliação que é oferecido a ele por um preço tão alto? Quando o conflito chega a esse ponto crítico, a cortina cai sem qualquer conclusão. Tudo

Isso só fica evidente se considerarmos a mentalidade do público a quem se dirige e a questão que levou os fariseus a reclamar com Jesus.

A audiência a que Jesus se dirigia era composta de fariseus e escribas, os "justos" da comunidade. Sua reclamação era que "este homem recebe pecadores e come com eles". Havia três jogadores: os religiosos (os fariseus), os irreligiosos (os pecadores) e Jesus. Cada um deles (o "encontrado", o "perdido" e Jesus) aparece em cada uma das três parábolas. No entanto, alguma progressão pode ser detectada nas histórias. O primeiro trata de animais. O segundo trata de moedas inanimadas. Mas a terceira fase mostra pessoas que começam a falar

Nos dias de Jesus, era normal considerar os cobradores de impostos "pecadores". Quando qualquer comunidade étnica é incorporada à força em outro império, é inevitável que as pessoas desprezem profundamente os cobradores de impostos. Mas o Império Romano apresentou um problema especial. Ele coletava impostos de "coletores de camponeses". Um indivíduo poderia comprar dos governantes o direito de coletar impostos em uma determinada área. Então, essa pessoa poderia determinar suas próprias taxas e tirar o máximo de proveito possível. O contrato exigia que ele entregasse uma determinada quantia às autoridades. Ele poderia ficar com o resto. Os "coletores camponeses" costumavam ser gentis. Na Palestina, moradores foram contratados para coletar o dinheiro.[3] Obviamente, com pessoas sem escrúpulos, o abuso estava na ordem do dia.

Esta prática continua a existir em algum grau nos povos egípcios hoje. Um cidadão pode contratar com o governo o direito de cobrar taxas pela travessia do rio Nilo no auge de sua cidade. Em seguida, ele contrata alguns homens que se dedicam a cobrar um prêmio de cada pessoa que cruza o rio. A taxa é o que o tráfego pode sustentar. Manejo e favoritismo tornam-se a norma quando homens inescrupulosos assumem o controle da travessia do rio. Os últimos anos do Império Turco testemunharam esse sistema antigo, esse abuso generalizado também era comum nele.

Além disso, durante o primeiro século, a Palestina foi ocupada por imperialistas. É difícil para uma pessoa que nunca viveu em um país ocupado

muito para se acostumar com a ideia de ódio que é gerado em relação ao "colaborador" (encontramos muitos paralelos nos nacionalismos africanos e asiáticos modernos). Na política árabe atual, o insulto mais forte é ser chamado de "agente dos imperialistas".

Quando uma colônia está chegando ao ponto de ignição de um levante, ela odeia ferozmente qualquer "colaborador". De repente, a traição dos colaboradores à honra nacional torna-se insuportável. Nos dias de Jesus, as forças nacionalistas da Judéia e da Galiléia estavam ganhando força. O fogo lento da revolta iria explodir em chamas dentro de alguns anos. Qualquer cooperação com Roma e seus cobradores de impostos deveria ser vista como uma traição de raça e religião.

Nos Evangelhos, o título de cobrador de impostos é freqüentemente relacionado ao de pecadores ou adúlteros e, naturalmente, ao de gentios.[4] A identificação mais comum é a de pecadores. Na boca de um fariseu, pecador significava "impuro", "transgressor da lei" e, geralmente, uma pessoa de baixo caráter moral. Em suma, qualquer um que foi condenado. Lucas usa pecador treze vezes e geralmente se refere a pessoas de baixo caráter moral. Aqui ele está citando os fariseus e, portanto, talvez também pretenda adicionar a nuance de "traidor" e "impuro".

(…) Eles estavam se aproximando de Jesus para ouvi-lo.

Jesus deu as boas-vindas aos pecadores! Essa foi a pergunta para os fariseus. Ele não comprou o favor deles nem concordou com seus compromissos éticos. Os pecadores sabiam onde ele estava, mas ainda assim se sentiam "atraídos" por ele.

Então, os fariseus e
professores da lei começaram a
murmúrio:

Murmúrio É a mesma palavra que é usada no Antigo Testamento grego no caso da "murmuração" do povo contra Moisés e Arão no deserto (Êxodo 15:24; 16: 2, 7-8; 17: 3; Números 14: 2; 16:11). Só aparece duas vezes no Novo Testamento, aqui e em Lucas 19: 7. Em ambos os casos, ocorre na boca dos fariseus reclamando de Jesus. A palavra carrega um

dado prefixo (dia) representando um matiz adicionado. Ou "sussurrando entre si" ou "espalhando o boato pela multidão". É-nos dada a imagem clara de uma corrente subjacente de reclamação e descontentamento sobre as ações de Jesus, que continuará a aumentar até atingir os eventos da Paixão.

«Este homem acolhe pecadores
e comer com eles.

Receber, em grego, também carrega um prefixo específico. A palavra dechomai significa "receber". Mas neste versículo encontramos prosdechomai, que significa "dar as boas-vindas oferecendo comunhão". A primeira palavra significaria estar disposto a sentar e conversar com uma pessoa. O segundo significa aceitá-la como amiga. Em qualquer idade é fácil lidar com uma pessoa constantemente e por muito tempo e ainda não ter uma verdadeira companhia com ela. Paulo usa prosdechomai aqui no sentido de aceitar uma pessoa como irmão ou irmã no Senhor (Romanos 16: 2; Filipenses 2:29). A palavra aparece nas falas de Jesus, quando Marcos afirma: «Quem receber uma destas crianças em meu nome, me recebe; e quem me recebe, não me recebe, mas sim aquele que me enviou ”(Marcos 9:37).

O resultado final foi que Jesus comeu com eles. Aos olhos de seus oponentes, esse contato o desgraçou. Mas ainda havia mais! No Oriente Médio, comer com outra pessoa é um ato sacramental que envolve um grau muito profundo de aceitação. Essa realidade me obrigou em muitas ocasiões, durante décadas, a ficar em uma cidade para participar de uma refeição. Não queria nem precisava comer, nem tinha tempo de sobra. No entanto, ao comer com uma pessoa, eu a estava aceitando em um nível muito básico e fundamental. Se o convidado for um líder religioso ou professor, os aldeões acreditam que o convidado, meramente por sua presença, transmite uma "bênção" quase física. Esta é a troca que ocorreu entre Jesus e toda uma série de pessoas meticulosamente condenadas ao ostracismo pelos "justos".

A questão da comida foi a grande disputa entre Pedro e Paulo. Paulo nos conta sua versão em Gálatas 2: 11-12. Acontece que Pedro costumava se sentar e comer com cristãos gentios incircuncisos, mas então ele parou de fazer isso! O

Amizade era uma coisa, mas sentar para comer com aquele amigo era outra completamente diferente.

Ele então lhes contou esta parábola:
(versículo 3)

Lucas apresenta três histórias em uma. As três histórias em Lucas 15 formam uma única unidade, e é mais provável que Jesus as tenha composto dessa forma. Em Lucas 5: 36-39 e Lucas 6: 39-41 encontramos unidades semelhantes.

"Les" claramente se refere aos escribas e fariseus. Jesus não estava se dirigindo ao público em geral, mas a um grupo muito específico de pessoas que estavam chateadas por aceitarem comunhão total com os rejeitados.

> *Suponha que um de vocês tenha cem ovelhas e perca uma delas. Você não deixa as noventa e nove no campo e vai em busca da ovelha perdida até encontrá-la? (Verso 4)*

Este versículo é uma resposta surpreendente às reclamações dos fariseus. Os fariseus começaram como um movimento secular e deveriam ganhar a vida em alguma profissão secular. Nenhum dinheiro poderia ser aceito para ensinar a Lei. É por isso que Paulo tecia tendas e Jesus era carpinteiro e, portanto, dirigir-se aos fariseus como "trabalhadores" não era problema. Mas os rabinos consideravam os pastores impuros; eles se referiam a eles como "pessoas da terra" e os evitavam.[5] É claro que Jesus não achava que o ofício de pastor fosse impuro.

Cem ovelhas representavam uma riqueza considerável. Talvez a frase "um de vocês tem cem ovelhas" se refira a possuí-las. Também pode se referir a ser responsável por cem ovelhas. Em qualquer caso, um erudito na categoria de fariseu teria que contratar um pastor. Os pastores do Oriente Médio são homens pobres, vestidos com muita simplicidade, que percorrem o campo em meio às adversidades. Nenhuma pessoa educada passaria a vida vagando pelas montanhas por qualquer motivo. Sem dúvida, os fariseus esperavam que Jesus dissesse algo assim: “Suponha que um de vocês tenha cem ovelhas e lhe digam

que uma se perdeu. Ele não envia um servo para encontrar o pastor responsável para

ameaçar despedi-lo se ele não a encontrar? "

O relato de Jesus também é mais bem entendido como uma reformulação do Salmo 23, com ele mesmo no centro. Essa possibilidade torna a primeira parábola uma introdução surpreendente a esta trilogia de histórias. Jesus afirma ser a presença divina entre as pessoas que procuram os perdidos e, portanto, cumprem as promessas do Salmo 23, Jeremias 23: 1-8 e Ezequiel 34: 1-31.[6]

Jesus continua dizendo: "Um de vocês ... perde um deles." No passado, as traduções para o árabe tornavam essa frase passiva: "um se perdeu". Em ambas as extremidades do Mediterrâneo, não costumamos culpar a si mesmo. Nem em árabe nem em espanhol você tem vontade de admitir "perdi o trem", prefere dizer "o trem me escapou". Nem é dito "Eu joguei o prato", mas sim "ele caiu de minhas mãos". Não é dito "Perdi o lápis", mas "Perdi o lápis". Os tradutores do árabe têm dificuldade em superar essa forma comum de expressá-la, chegando a introduzir na língua a frase não idiomática "um de vocês ... perde um deles", por mais estranho que pareça. Como veremos, quando o pastor se dirige a seus amigos, ele fala com eles em uma linguagem tradicional e diz "as ovelhas que eu havia perdido".

Jesus quebrou os padrões do discurso comum ao colocar a responsabilidade sobre o pastor, com a expressão "um de vocês ... perde um deles". Este afastamento da expressão tradicional é importante. Jesus está dizendo à sua audiência: “Eles perderam suas ovelhas. Saí para procurá-la e trouxe-a para casa. E eles ainda têm coragem de vir reclamar! Você não vê que estou corrigindo seus erros? »

As noventa e nove ovelhas foram deixadas no mato, talvez sob os cuidados de um ajudante de pastor, provavelmente em uma caverna.[7] Mas foi sensato deixar os noventa e nove e ir em busca dos perdidos? Há missionários cristãos que têm debatido esse ponto com dialéticos comunistas chineses. O indivíduo perdido importa ou "o povo" só importa? Na verdade, o que dá aos noventa e nove a verdadeira segurança é que o pastor está disposto a sair e encontrar apenas um. Se alguém é sacrificado pelo bem de todo o grupo, então cada indivíduo no grupo se sente inseguro e sabe o quão pouco eles valem. Se perdida, eles a

deixariam morrer. Quando o pastor paga o alto preço de buscar apenas um, ele está

oferecendo ao resto a segurança mais profunda.

Não sabemos por quanto tempo ele estava procurando, mas qualquer camponês libanês ou palestino nos dirá que para encontrar uma ovelha perdida é preciso vagar pelas montanhas escarpadas por um ou dois dias.[8] Quando o dinheiro (nosso dinheiro) é perdido, fazemos o que for necessário para recuperá-lo. Pessoas perdidas geralmente recebem menos valor.

> *E quando o encontra, cheio de alegria, ele o carrega nos ombros.*

Depois de ter encontrado as ovelhas, o pastor ainda tem o trabalho mais difícil, transportar o animal pesado para o rebanho. Francamente, estou orgulhoso de ter conseguido carregar meu próprio peso por essas montanhas acidentadas e isoladas. Alguns turistas desavisados ousam se aventurar, câmera na mão, por esses lugares remotos e acabam sendo resgatados em macas. O pastor leva sua carga pesada "cheio de alegria" e aceita com alegria este trabalho assustador. O natural seria que, por dentro, o pastor quisesse encontrar o animal morto ou comido por um leão. Então, como Amós, ele pode pegar alguns pedaços de pele e ossos como prova de que ele não roubou nem vendeu o animal (Amós 3:12). Quando você se sentir perdido, a tarefa de restauração apenas começou. Este tema desaparece na segunda história para não reaparecer em toda a sua plenitude gloriosa até a terceira. É uma questão decisiva, dentro da qual está a cruz.

Ele o colocou nos ombros. Os pastores no Oriente Médio sempre carregaram ovelhas nos ombros, com a barriga do animal apoiada no pescoço e as quatro patas juntas na frente do rosto. Isso lhes dá controle total sobre o animal e deixa-os com as mãos livres para escalar. A igreja primitiva costumava representar Jesus como o Bom Pastor. As esculturas e pinturas sempre retratam o pastor com uma ovelha ao pescoço. Na seção copta do Museu Greco-Romano em Alexandria, Egito, há uma estátua móvel de mármore em tamanho natural do Bom Pastor, exatamente naquela pose. No Museu Rockefeller, ao norte de Jerusalém, há outra estátua semelhante. Em ambos os casos, a ovelha é grande e o pastor está sorrindo. Em Dura Europos, na escavação de uma igreja cristã que foi destruída pelos persas em 256 DC

cena e a ovelha é maior que o pastor. Em todas essas primeiras representações artísticas orientais do Bom Pastor, o tamanho extraordinário das ovelhas serve para enfatizar o preço pago. Este texto e suas representações prenunciam claramente a Paixão de Cristo.

No Ocidente, o Bom Pastor é representado em inúmeros vitrais e geralmente carrega um cordeiro nos braços. Esta seria uma representação adequada da imagem de Iahweh em Isaías 40:11. Tem pouco a ver com o bom pastor em Lucas 15, que nos fala sobre o preço que o pastor tem que pagar para salvar as ovelhas perdidas.

> *… E volte para a casa. Quando chega, reúne os amigos e vizinhos e diz-lhes: "Alegrai-vos comigo; Já encontrei a ovelha que tinha perdido ». (Versículo 6)*

O pastor retorna à aldeia e se alegra junto com a comunidade. Isso é compreensível, pois, conforme discutido abaixo, é bastante provável que o rebanho pertença em parte a esses mesmos "amigos e vizinhos". Nas aldeias, as casas nas ruas estreitas são geralmente ocupadas por um clã familiar. Um clã desse tipo pode reunir de dez a doze famílias. Cada família possui algumas ovelhas que fornecem lã para roupas de inverno. Uma rua inteira, no total, pode ter cerca de cem ovelhas; é natural que se preocupem com a condição do rebanho. A perda de uma ovelha do rebanho preocupa toda a comunidade.[9] A família, direta e indireta, e a comunidade apóiam os perdidos; portanto, todos ficam felizes em encontrá-lo. Da mesma forma, uma pessoa perdida é uma perda para toda a família de Deus. Quando um indivíduo se perde, a comunidade deve chorar, e então o "pastor" que retorna com aquela pessoa restaurada deve ser saudado por seus "amigos" com alegria, como um herói.[10]

Os fariseus, como líderes religiosos, eram na verdade os "pastores de Israel". Portanto, é fácil entender que nesta parábola Jesus os está responsabilizando por qualquer "ovelha" (leia-se pessoa) que está perdida na comunidade. Na parábola, o pastor faz quatro coisas:

1. Você é responsável pela perda.

2. Ele começa a procurá-la a todo custo.
3. Ele está feliz em carregar a restauração
4. Ele está feliz com sua comunidade pelo sucesso desta formação.

Aqui, Jesus está colocando a fasquia muito alta para a igreja de qualquer idade.

> *Digo-vos que este também é o caso no céu: haverá mais alegria para um único pecador que se arrepende do que para noventa e nove justos que não precisam de se arrepender. (Versículo 7)*

O humor sutil de Jesus é evidente neste versículo. Os "justos" que "não precisam se arrepender" não existem. Naturalmente, a alegria no céu para eles será mínima. Quando a parábola termina, as noventa e nove ovelhas ainda estão na montanha! Como a comunidade vai se alegrar por algumas ovelhas que ainda não voltaram? Os fariseus deveriam ter se lembrado das palavras de Isaías: “Estávamos todos perdidos, como ovelhas”, bem como das palavras do pregador em Eclesiastes 7:20: “Não há ninguém na terra tão justo que faça o bem e nunca peca. "

Mas, mais importante, como a ovelha perdida simboliza claramente o pecador arrependido. Esta é uma verdadeira surpresa. Como essa ovelha representará "arrependimento"? Muito simplesmente, Jesus está definindo arrependimento como "a aceitação de ser encontrado". Acontece que a ovelha estava perdida. O pastor paga o preço para encontrá-lo, encontrá-lo e restaurá-lo. A ovelha, que estava sozinha e apavorada, fica imensamente feliz por ser encontrada e, no processo, se torna um símbolo de arrependimento. O arrependimento não é uma obra que merece nosso resgate. O que acontece é que o pecador concorda em ser encontrado.

Na lógica oriental, a construção de uma série de ilustrações semelhantes é usada com a ideia de demonstrar algo (ver Amós 3: 3-8 e 1 Coríntios 9: 7-12). Aqui encontramos três parábolas sobre o mesmo tema. Existem alguns elementos dramáticos que permanecem uma constante em todos os três, outros que se desenvolvem e ainda outros que produzem uma mudança de

direção. Por exemplo, a primeira e a terceira histórias param, mas não terminam. As três

parábolas carregam as mesmas três referências simbólicas. É claro que as ovelhas perdidas simbolizam os pecadores em sua necessidade de reconciliação e que o bom pastor é um símbolo de Jesus. Os noventa e nove representam aqueles que ouvem. No entanto, na primeira história, ele é deixado aos noventa e nove "no mato". Como o pastor poderia aproveitar a festa com seus amigos, sabendo que os noventa e nove ficaram ali desprotegidos? Ele deve manter as ovelhas perdidas e retornar imediatamente às montanhas para encontrar o resto do rebanho. Esse grande vazio da primeira história é finalmente coberto pela terceira, como veremos mais tarde. Isso nos leva à segunda parábola.

> *Ou suponha que uma mulher tenha dez moedas de prata e perca uma. Você não acende uma lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la? E quando o encontra, reúne seus amigos e vizinhos e diz-lhes: "Alegrem-se comigo; Já encontrei a moeda que havia perdido ". Eu digo a você que da mesma forma Deus se alegra com seus anjos por um pecador que se arrepende. " (Versículos 8-10)*

Jesus está falando sobre dinheiro! Sempre que há dinheiro envolvido, as reações das pessoas costumam ser viscerais e disfarçadas de hipocrisia. Mas o mais surpreendente sobre essa parábola é sua própria existência. Se Jesus é o Bom Pastor, ele também é a Boa Mulher. Claramente, essa é a conclusão que você deseja que seu público chegue. Jesus, que tinha discípulos homens e mulheres, queria que sua mensagem chegasse ao fundo do coração das pessoas. Daí essas duas histórias. Então, qual era o contexto cultural da parábola da moeda perdida?

As camponesas do Oriente Médio às vezes usam suas riquezas terrenas em moedas de ouro ou prata penduradas em uma corrente em volta do pescoço. Essas joias são chamadas de "banco das mulheres". É literalmente um capital de milhões de dólares. Quando se divorciam ou ficam viúvos, essa riqueza os ajuda a se sustentar. Quando o marido faz um presente, geralmente é outra moeda furada ou um medalhão. Alguns comentaristas sugerem que esse costume está no pano de fundo da parábola.

Mas existe uma alternativa mais provável. As camponesas geralmente carregam o dinheiro de que precisam para suas compras diárias em um pano bem amarrado. A moeda de prata mencionada neste relato é uma moeda grega que pesa 4,3 gramas.[onze] Era o equivalente a um dia de salário. Talvez a mulher tivesse recebido essas dez moedas para cuidar de sua família por uma ou duas semanas; Ela os embrulhou em um pedaço de pano, mas o nó se desfez e um deles caiu. Ela sentiu vergonha e pena por não ter sido mais cuidadosa e amarrado o pano com mais força. Durante os primeiros séculos de nossa era, as casas geminadas ao redor do Mar da Galiléia costumavam ter o chão coberto com gesso ou pedra natural lisa do Mar da Galiléia. Era comum que rachaduras se abrissem e moedas caíssem nelas, deliciando os arqueólogos modernos que as encontravam. As janelas das casas dessa época eram pequenas aberturas colocadas a cerca de dois metros do solo. A pedra usada na construção nessa área é um basalto muito preto, o que acrescentou ainda mais escuridão à casa. Mesmo em plena luz do dia, seria natural para uma mulher usar uma lâmpada se tivesse que procurar uma moeda.

Sua busca frenética era em parte porque ele estava ciente de tê-la perdido em casa. Eu tinha certeza porque naquele dia eu não tinha saído de jeito nenhum.

Os pecadores que Jesus recebeu vieram da casa de Israel, não de uma terra distante. Eles faziam parte da "riqueza" da nação e podiam ser resgatados. Se aqueles que criticaram Jesus tivessem procurado diligentemente, eles também os teriam encontrado.

A mulher é ainda mais responsável pela perda de sua moeda do que o pastor de suas ovelhas. O pastor tinha uma desculpa. Afinal, ele cuidou de cem ovelhas. As ovelhas, até certo ponto, têm vontade própria e a montanha é imensa. Mas a mulher não pode culpar mais do que ela mesma. Enquanto procura, não para de resmungar: Que idiota! Como poderia não ter prendido melhor a moeda à corrente? Ou, como prefiro: por que não apertei o nó? Seu pesar e desespero provêm de um senso de responsabilidade inegável, e sua alegria, como a do pastor, clama para ser compartilhada.

A mulher é francamente responsável por ter perdido sua moeda (ao contrário do pastor). O pastor disse a seus amigos que "suas ovelhas tinham

perdido". Em vez disso, a mulher diz abertamente que "encontrou a moeda que havia perdido".

A história nos oferece uma visão breve e íntima da vida na cidade. Os gêneros das palavras usadas nos dizem que o pastor deu uma festa apenas para homens e a mulher apenas para mulheres. De acordo com os costumes culturais, seria totalmente impróprio para um homem e uma mulher se misturarem com membros do sexo oposto. Além disso, a vida rural desfruta da plenitude das coisas simples. O fato de uma mulher encontrar a moeda perdida é um grande acontecimento que merece ser comemorado. Assim, ele poderia explicar como o perdeu, quando descobriu que o havia perdido, onde estava procurando e como finalmente se sentiu ao vê-lo brilhar na luz fraca de sua lamparina. Encontrar um coletor de impostos desaparecido deveria ter despertado emoções semelhantes.

Agora, espera-se que o ouvinte ou leitor reflita sobre esse par de histórias. Como já dissemos, os três protagonistas principais estão no palco, mas em silêncio. Nem ovelhas nem moedas podem falar. Estamos no meio de uma progressão dupla. Na primeira história, a perda é de uma em cem. No segundo, é um de dez. Na parábola do filho pródigo, é um de dois. A segunda progressão tem a ver com as possibilidades oferecidas pelo local de encontrar o item que ali se perdeu. A ovelha perdida é encontrada na imensidão da montanha; a moeda está confinada ao interior da casa. Mas os filhos se perdem por ficarem fora do círculo de amor dos pais.

No diagrama 1, encontramos os atores e os personagens que eles representam.

Atores	**A ovelha perdida**	**A moeda perdida**	**O filho perdido**
Jesus	O pastor	A mulher	Pai
Pecadores não religiosos	A ovelha perdida	A moeda perdida	O pródigo
Os fariseus	Noventa e nove	As nove	O filho mais velho

Figura 1: As três parábolas de Lucas 15

Isso nos leva à terceira história e ao clímax de todas as três.

---

1. Lucas 9:51 diz: “Aproximando-se o tempo de ele ser levado ao Céu, Jesus tomou uma decisão firme de ir para Jerusalém. Então, há uma grande quantidade de material de ensino que foi chamado de "Documento de Viagem". Lucas 15 se encaixa perfeitamente neste material. Portanto, essas parábolas devem ser entendidas à luz de que Cristo já havia proposto ir a Jerusalém.

dois. Lucas 15 tem sido considerado por muitos acadêmicos como uma unidade única. Continuaremos trabalhando nesta suposição.

3. John R. Donahue, "cobrador de impostos", *Âncora Dicionário bíblico*, ed. David Noel Freedman, Doubleday, New York, 1992, 6: 337-38.

4. Em relação ao *pecadores,* veja Mt 9: 10-11; 11:19; Mr 2:15; Lucas 5:30;
7:34. Com respeito aos adúlteros, veja Mt 21: 31-32; Lucas 18:11. A respeito dos gentios, veja Mt 18:17.

5. O cargo de pastor apareceu nas listas de "cargos proibidos". Ver Joachim Jeremias, Jerusalém no tempo de Jesus: estudo econômico e social do mundo do Novo Testamento, Ediciones Cristiandad, Madrid, Espanha, 2000, pp. 302-12 da tradução inglesa.

6. Veja Kenneth E. Bailey, *Jacob e o Pródigo* [Jacob e o filho pródigo], InterVarsity Press, Downers Grove, IL, 2003, pp. 65-85.

7. Eric FF Bishop, *Jesus da Palestina: o pano de fundo local para o Documentos do Evangelho* [Jesus da Palestina: o pano de fundo local do evangelho], Lutterworth, Londres, 1955, p. 166

8. Discuti esse assunto com muitos deles. Depois de dois dias sem encontrar o animal, presume-se que ele foi roubado, morto ou comido por feras.

9. Bispo, *Jesus da Palestina* [Jesus da Palestina], p. 166. Meu próprio a experiência confirma a visão de Bishop.

10. O fim *amigos* é uma palavra-chave. Os fariseus, nas cidades, eles tinham seus próprios "clubes". Eles eram chamados de Khaburim (amigos). Jesus está dizendo: “Vocês são“ amigos ”e deveriam se alegrar comigo

quando eu encontrar uma ovelha perdida; assim como os amigos do pastor na minha parábola

eles estavam felizes com ele.

onze. Na época de Lucas, essa moeda estava fora de circulação e foi substituído pelo denário. Lucas registra a palavra arcaica usada no relato original. Não é uma história de Lucas. Ele simplesmente explica a história de Jesus fielmente.

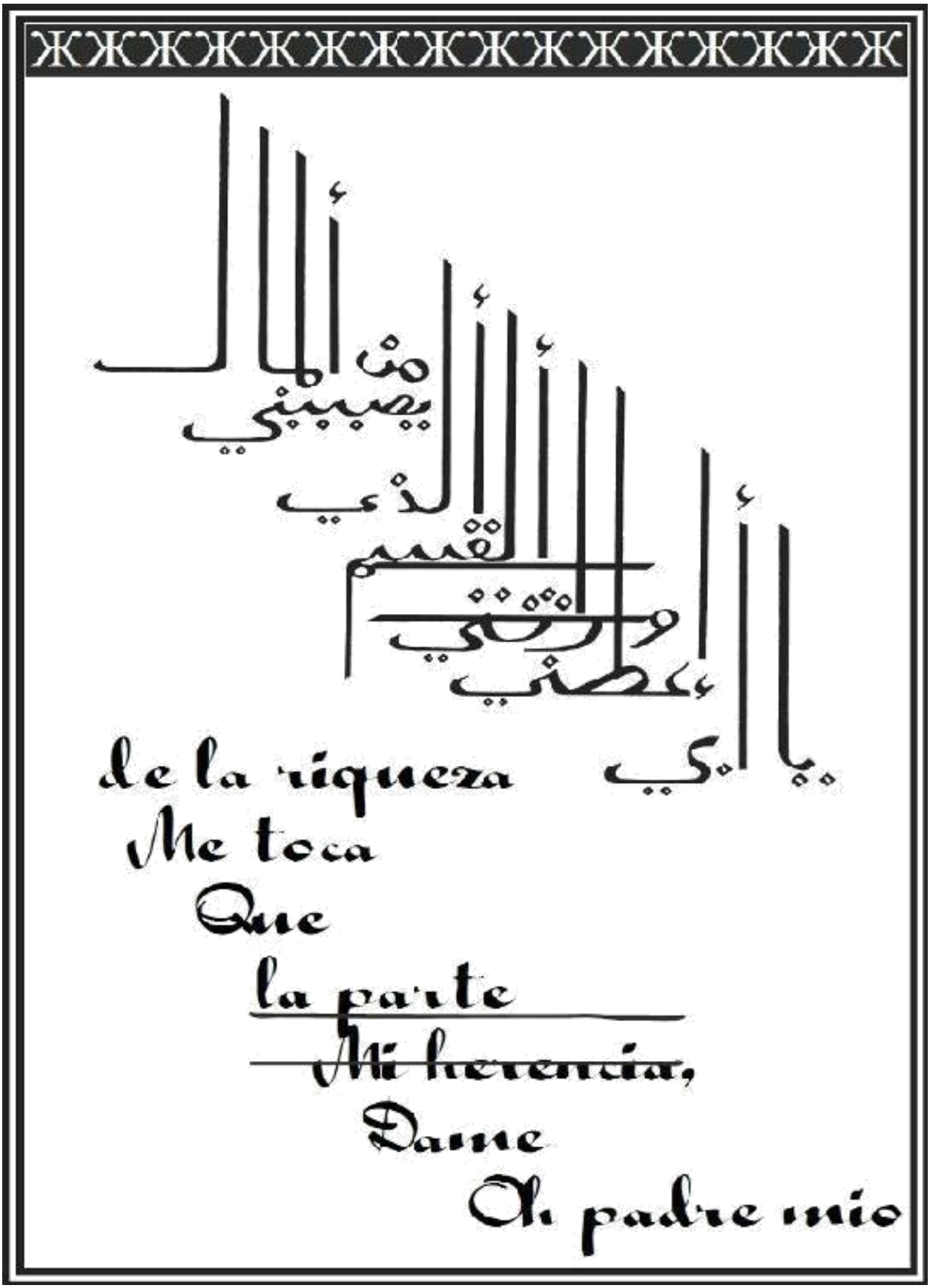
Capítulo 2

Ж

Desear la muerte

Enesta foto, lendo de baixo para cima, o filho pede sua parte da riqueza da família na vida do pai. Isso significa que ele deseja a morte do pai.

Esperamos que você peça sua "herança". Embora considere essa opção, ele a descarta rapidamente. Você não quer a responsabilidade que isso acarretaria. Em vez disso, ele faz uma circunlocução longa e eloqüente. Seu discurso é como a ascensão a uma liberdade imaginada por uma escada, cujo último degrau é a palavra riqueza.


de la riqueza
Me toca
Que
la parte
Mi herencia,
Dame
Ai padre mio

dois

Desejo a morte

LUKE 15: 11-12

Ж

"Um homem tinha dois filhos", continuou Jesus. (Versículo 11)

Essa parábola é tradicionalmente chamada de filho pródigo. Alguns veem duas histórias nisso. A primeira nos fala de um filho que está indo embora. Em seguida, no final, é acrescentada uma história mais curta e menos importante sobre o filho mais velho ficar em casa. Este não é o caso. Nosso texto começa assim: “Um homem tinha dois filhos”. A primeira frase da história menciona os três personagens principais. Não podemos ignorar nenhum deles. As relações entre os três são extremamente importantes. O irmão mais velho é claramente tão importante quanto o mais novo. Talvez essa parábola se encaixasse melhor com o título: "O Pai Compassivo e os Dois Filhos Perdidos".

A história chega ao clímax no final, no pátio, quando o pai implora ao filho mais velho que participe. É por isso que devemos examinar cuidadosamente os relacionamentos do irmão mais velho desde o início. Essa raiva que aparece no final da história contra seu pai e seu irmão não tem raízes em terras áridas. Se aplicarmos o olhar do local, encontraremos alguns fatores-chave, que examinaremos.

O mais novo disse ao pai: «Pai, dá-me a minha parte na herança[1]. »

Então o pai dividiu sua propriedade entre os dois. (Versículo 12)

Na sociedade rural, tal pedido só poderia significar uma coisa: o filho mais novo aguarda ansiosamente a morte de seu pai. A divisão da propriedade paterna passaria a ser algo natural no final da vida do pai, como ocorre no relato de Abraão (Gn 25: 5-8). Como Jacó, ele não concedeu sua "bênção" aos filhos (Gênesis 48-49) até que percebeu que sua morte era iminente.[dois]

Como observou Joachim Jeremias, se o pai decidisse dividir seus bens, ele tinha os trâmites legais, mas o natural era usá-los apenas quando a morte fosse iminente.[3] Nesse caso, o herdeiro recebeu o direito legal de posse, mas não o direito de disposição. A propriedade era dele, mas seu pai ainda tinha controle sobre ela. Essa é justamente a situação do filho mais velho ao final da parábola, quando o pai diz: “tudo o que é meu é seu”. Mas, ao mesmo tempo, o pai ainda tem autoridade para ordenar o sacrifício do bezerro. No início, o filho mais novo pede e recebe os direitos de posse e disposição. Mas esse não é o problema real.

Claramente, esses eram os procedimentos legais se o pai decidisse obedecê-los. Mas é impensável, e certamente foi naquela época, que um filho pedisse sua parte na riqueza da família enquanto seu pai estava vivo. Qualquer camponês no Oriente Médio entende isso instintivamente. Testei esta tese em inúmeras aldeias e em todo o Oriente Médio. A resposta sempre foi a mesma. Sempre acabei tendo uma conversa semelhante a esta:

"Alguém na cidade já pediu algo assim?"

-Nunca!

"Alguém se atreveria a fazer isso?"

-De maneira nenhuma!

"E se alguém fez?"

"Seu pai ficaria muito zangado e recusaria!"

-Por que?

"Porque pedir isso significa desejar a morte do pai!"

A universalidade desse conceito arraigado nos sugere fortemente que essa atitude é muito antiga. Em todo o Oriente Médio, de

Da Argélia ao Irã e do Sudão à Síria, a resposta é a mesma. O testemunho bíblico está em harmonia com essa suposição.[4]

Devemos examinar o que esse versículo diz ao leitor sobre os três personagens principais da peça, com esse fato central em mente.

O filho mais novo

1. A petição é em si uma espécie de motim. O pródigo anseia pela morte de seu pai. Do ponto de vista teológico, Jesus está afirmando que a humanidade se rebela contra Deus e o quer morto!

2. O pródigo é movido por seu próprio orgulho. Ele grita "dá-me a minha parte", como se dissesse "deixa o diabo levar o resto". Um ditado popular tradicional do Oriente Médio afirma que o homem virtuoso "dá o que é certo e pega o que é certo". Em outras palavras, um homem de honra dá a todos o que é justo e é isso que ele espera de todos. O pai mais tarde terá a oportunidade de começar a "pegar a coisa certa". No entanto, ele decide contra isso e oferece uma inesperada demonstração de amor. Neste momento, o pródigo pensa apenas em si mesmo.

3. Um relacionamento é quebrado, não uma lei. De acordo com Deuteronômio 21:17, a parte que corresponde ao filho mais novo é um terço. A lei não especifica que o filho deve esperar a morte do pai. O filho não violou a lei, mas o coração de seu pai, sim.

4. O filho pródigo parece se importar muito pouco com o que faz os outros membros da família sofrerem com seu pedido. Ele não só faz seu pai sofrer, mas todo o clã da família. A riqueza de uma família rural não está em ações, depósitos ou contas correntes. É encontrado em um conglomerado de casas, animais e terras. De repente, ficar sem um terço de tudo significaria uma perda que abalaria todo o clã da família. A parábola deixa claro que o pródigo resolveu seus negócios em poucos dias. Isso significa que ele liquidou seus ativos às pressas e às pressas, o que, por sua vez, implica que o fez "a qualquer preço". Ativos acumulados ao longo de gerações seriam perdidos em apenas alguns dias. No Oriente, onde se podem passar dias negociando a menor transação, o homem com pressa de vender vende barato.

5. O filho mais novo também é ingrato. Embora seu pai tenha

derramou todo o seu amor, a única coisa que recebe em troca é a amargura da rejeição.

6. Não há confiança. O filho assume seu próprio destino. Ele parece sentir que não pode mais confiar em seu pai para dirigir sua vida.

7. O pródigo exige privilégios sem responsabilidades. Ele usa uma frase longa e prolixa. A maneira natural e direta de dizer isso seria: "Quero minha herança". Nas línguas semíticas, isso é dito em duas palavras. No entanto, ele diz: "dê-me minha parte na fazenda" (em árabe ou hebraico, seis palavras). Sobre o que é circunlocução? Ele parece estar tentando evitar o termo herança. Herança (klēronomia) é usada catorze vezes no Novo Vontade; quatro vezes em Lucas.[5] Aqui o que encontramos é um termo estranho (ousia) que é usado apenas neste relato e não aparece novamente em todo o Novo Testamento. A cultura tradicional do Oriente Médio nos dá uma explicação novamente. Aceitar a "herança" implica aceitar a responsabilidade de liderança na família extensa. O destinatário é obrigado a administrar a propriedade e ajudar a resolver disputas familiares. Ele deve defender a honra da família perante os contendores (e com sua vida se necessário). Ele concorda em aumentar a riqueza do clã e representá-lo com nobreza em eventos oficiais (como casamentos, festas e funerais). Ele deve "construir a casa de seu pai". Mas é precisamente isso que o filho mais novo não quer e não pede. Ele quer o dinheiro! A palavra ousia pode significar "riqueza" e "propriedade". Ele reaparece no versículo 13. As traduções mais antigas usavam o termo geral substância. Sua parte deve ter sido propriedade que ele transformou em dinheiro. Ele não queria pedir sua herança, por causa da responsabilidade que ela carregava.

8. Ele corta suas raízes, fica com sua parte da propriedade e, no processo, rompe seu relacionamento com seu pai. Ao fazer isso, ele mesmo está se desligando de sua verdadeira herança. Essa mesma herança que ele se recusou a pedir, agora ele a deixa escapar. Em uma aldeia, a segurança de um homem é sua família. É algo tão valioso quanto a própria vida. Sua família é seu seguro de saúde, seguro de vida, pensão de viúva e seu bem-estar físico e emocional; Quer dizer, é tudo. O vínculo com a terra e com a "casa de fulano" é um vínculo profundo.

"De onde é?" um habitante pergunta a outro. A resposta não é um endereço, mas "Sou da cidade de fulano de tal". Talvez eu não tenha sido

nunca está lá, mas suas raízes estão. Seu clã de família está lá. A "casa" da qual faz parte é ali estabelecida. Faça parte desse lugar. Lá ele será totalmente aceito, apesar dos arrependimentos. Se perder o emprego ou precisar de amigos, será bem-vindo, mesmo que nunca tenha sido visto. Quando ele disser "Eu sou tal, filho de fulano e da casa de mengano", as portas se abrirão. O filho mais novo emerge de tudo isso. Um homem sem essas raízes é considerado um vagabundo e não é confiável. Sugerir que um homem "não tem raízes" é um insulto imperdoável. Pegando emprestado um capricho da teologia medieval, o filho mais novo repudiou uma herança considerável e, conseqüentemente, sua herança circunstancial ao longo do tempo o engana. Ele substituiu o permanente pelo temporário.

A imagem de Jesus tem uma riqueza considerável. Na verdade, Deus, nosso Pai divino, oferece a seus filhos a mais profunda segurança dentro do clã familiar. A "casa de Deus" deve significar para o crente o que família, direta e indireta, significa para os aldeões do Oriente Médio.

9. O filho mais novo se recusa a possuir sua parte em sociedade com o pai. Quando o menino está em casa, todos os bens do pai também são seus. Mas isso não é suficiente para o rebelde, que quer ter controle total sobre o dinheiro. Ele pede sua parte totalmente fora desta sociedade. A ideia bíblica de posse é permeada por este conceito de propriedade compartilhada com o pai. A frase da Oração do Senhor "dá-nos o pão de cada dia" pressupõe essa visão do mundo.

10. O filho mais novo é totalmente responsável. Teremos algumas palavras duras para seu irmão, mas do ponto de vista do filho pródigo, ele mesmo é o responsável. A ovelha pode ter sido perdida acidentalmente. A moeda era uma coisa inanimada. Mas o filho deliberadamente escolheu magoar o pai no coração e quebrar todos os seus relacionamentos com a família.

O filho mais velho

Desde o início da história devemos também tentar valorizar os sentimentos e atitudes do filho mais velho. Existem vários pontos óbvios:

1. Claro, toda a história é conhecida. Em uma cidade, todo mundo sabe tudo instantaneamente. A conversa entre o pai e o filho mais novo deve ter

sido ouvida pelos empregados ou qualquer outro membro da família. É possível

que o mesmo irmão mais velho estava presente. Já me aconteceu muitas vezes que, em casas de cidade, ao falar com as pessoas de uma sala, de repente é surpreendido por uma voz que responde de outra sala ou mesmo do outro lado da rua estreita. Todas as pessoas que ouvem a conversa participam dela, mesmo que não estejam na sala onde ela se desenrola. É inconcebível que um incidente tão chocante não tenha atingido o filho mais velho em detalhes. Na verdade, a cidade inteira já deve estar atualizada antes do pôr do Sol. Quando o filho pródigo começar a vender, todas as dúvidas serão esclarecidas. O menino já tem sua parte.

Nas palavras do Eclesiastes, encontramos este tipo de mundo refletido:

Não amaldiçoe o rei, mesmo com o pensamento,

Não amaldiçoe o homem rico em particular,

Bem, os pássaros do céu podem espalhar a palavra.

Eles têm asas e podem espalhar. (Eclesiastes 10:20)

Em suma, tudo se sabe nas aldeias.

2. O filho mais velho se recusa a mediar. Quando há uma disputa nas aldeias, ela nunca é resolvida diretamente entre as duas partes afetadas. Se assim fosse, um dos dois deixaria de ser respeitado, o que é inaceitável. O processo de reconciliação é realizado por meio de um terceiro, o chamado 'mediador'. Isso vai de um para o outro até encontrar uma solução mutuamente aceitável. Não pode haver vencedores nem perdedores. Em seguida, o mediador organiza uma reunião pública em que os dois antagonistas apertam as mãos, se abraçam e se beijam em sinal de reconciliação. O mediador é selecionado com base em quão forte é seu relacionamento com as partes em conflito. Nesse caso, entende-se que o filho mais velho seria o mediador escolhido.

Nas aldeias, quando faço um sermão sobre este texto, sempre que chego a este ponto pergunto: "Quem deve ser o reconciliador?" os aldeões sempre me respondem de seus lugares: "Seu irmão, naturalmente." Todo mundo sabe. Além disso, você deve começar imediatamente. É seu dever dar o passo e

tente reconciliar seu irmão com seu pai. A família e a comunidade exigem isso. Mas nosso homem permanece em silêncio. Ele se recusa a assumir a responsabilidade sagrada que a tradição coloca sobre seus ombros. Claramente, por algum motivo, você não quer que a reconciliação ocorra. Mesmo que odiasse seu irmão, ele ainda teria cumprido seu dever pelo bem de seu pai.

Os relacionamentos pessoais no Oriente são de extrema importância. Por você, por meu amigo, por meu familiar, estou disposto a fazer qualquer coisa. Isso chega ao clímax quando se trata do pai de alguém. Por ele sou obrigado a fazer tudo. Mas, neste caso, o filho mais velho se recusa a fazê-lo. Essa recusa é uma indicação clara de um relacionamento rompido com seu pai. As coisas não estão indo como deveriam entre ele e seu irmão ou entre ele e seu pai.

3. Talvez possamos proceder com cautela para tirar conclusões de sua rejeição silenciosa de suas obrigações. Pode muito bem ser parte da razão pela qual seu irmão foi embora. A idade é honrada no Oriente. Existe um provérbio popular que diz: “Quem não tem velho compra-o”. Significa que, se você não tem um ancião em sua família para dirigir sua vida, é melhor comprar um. Existe outro provérbio que diz: “Quem tem um dia a mais que você, é um ano mais sábio”. A segunda pessoa com autoridade sobre você depois do pai não é a mãe, mas o irmão mais velho. O pai é chamado de "pai de fulano", usando o nome do filho mais velho. No Antigo Testamento, quando o pai morre, o irmão mais velho deve receber a maior parte da herança e

assumir a responsabilidade pela família.[6] Esses privilégios às vezes produzem uma arrogância insuportável. Talvez este seja o pano de fundo da parábola. A arrogância do irmão mais velho pode ter contribuído para o rompimento do relacionamento do irmão mais novo com o pai.

4. Quando o irmão mais novo sai de casa, o irmão mais velho fica em silêncio novamente. Não podemos recriar muito mais, devido à brevidade da história. Porém, o pai, devido ao afastamento do filho mais novo, não pode se despedir. O costume não permitiria. Novamente, é responsabilidade do filho mais velho. Você pode esperar que ele implore que não vá e o lembre do amor de seu pai. Eu poderia ter dito, por exemplo: "Meu irmão, seu pai é mais velho. Você pode

não vê-lo novamente. Não nos deixe. Sua mãe vai ficar cega de tanto chorar. Não podemos suportar nem

até mesmo o pensamento de sua partida. Se, mesmo assim, o menino ainda está decidido a partir, ele deve dizer-lhe que suas orações estariam com ele, que eles invocariam a proteção de Deus em sua jornada e implorariam que ele voltasse imediatamente.

Os terrores envolvidos em uma viagem ao Oriente Médio naquela época foram consideráveis. Esses terrores persistiram até o final do século 19 e quando um filho foi para um país distante pensou-se que talvez ele não voltaria. Se ele voltasse, então haveria uma grande festa e saudações eram jogadas no ar como uma saudação. Ainda hoje vi cenas emocionantes de despedida na estação ferroviária. Parece que a família está enviando seu único filho para morrer na guerra. Porém, você pergunta e descobre que o viajante está indo para uma cidade a apenas cinquenta quilômetros de distância e que voltará no mês que vem. O terror da viagem e o arrependimento da separação aumentam quando os laços são tão estreitos quanto os das famílias das aldeias. Na parábola, todo esse ritual e esse pano de fundo estão faltando. O pai não pode dizer todas essas coisas devido ao seu distanciamento. O filho mais velho recusa-se a dizê-las devido à sua atitude.

Pai

O que dizer do pai! Atendendo ao pedido, ele fez o que um pai jamais faria em uma aldeia. A reação esperada seria negativa e punitiva. Sabendo o que significa o pedido, o pai concede-lhe a liberdade até mesmo de se afastar dele. William Temple disse em algum lugar que Deus nos dá a liberdade até mesmo de rejeitar seu amor. Mas, além disso, o pai ainda é o pai. Não quebra o relacionamento com seu filho. O relacionamento é rompido pelo ato de seu filho, mas o pai ainda se agarra ao pedaço de corda que sobrou daquele relacionamento, na esperança de que ele possa se reunir com o outro lado. Isso envolve sofrimento. Se o pai tivesse renegado seu filho, não haveria possibilidade de reconciliação. O sofrimento do pai dá origem à possível volta do filho. Tudo isso deixa muito claro que Jesus não escolheu um patriarca oriental como modelo de Deus. Em vez disso, ele se liberta da escravidão da cultura patriarcal para apresentar esta imagem incomparável de um pai que é o único que deve conformar nossa imagem de Deus como um pai celestial.

Os três atores em nossa peça revelam seu próprio personagem desde o início. Conhecemos o filho mais novo pelo que pede, o pai pelo que faz e o filho mais velho pelo que não faz.

O texto diz: “ele dividiu sua propriedade entre os dois”. O filho mais velho recebe sua parte ao mesmo tempo. É claro que o pai ainda tem autoridade. Ele concede o direito de posse, mas o filho mais velho não pressiona pelo direito de disposição. Mesmo assim, desde o início cada filho recebe sua parte dos bens da família. Isso é crucial para entender a reação do filho mais velho ao final da história.

---

1. O NIV em inglês (NIV) usa o termo "hacienda", em vez de "herança".

dois. Essa bênção estava claramente relacionada à herança.

3. Joachim Jeremias, *As parábolas de jesus*, Palavra Divina, Estella, Navarra, 2003, p. 128 da tradução inglesa.

4. Essa atitude poderia ser considerada quase universal, ela transcende o Oriente Próximo. Existe uma cultura em algum lugar que perdoa tal pedido?

5. Mt 21:38; Mr 12: 7; Lc 12:13; 20:14; Atos 7: 5; 20:32; Gal 3:18; Ef 1:18;
5: 5; Colossenses 3:24; Hb 9:15; 11: 8; 1P 1: 4.

6. Lucas 12: 13-21 registra a parábola do rico insensato. No introdução, um irmão mais novo insiste que Jesus ordene ao irmão mais velho que lhe dê sua parte da herança. É claro que o pai morreu e o irmão mais velho assumiu a propriedade. O irmão mais novo quer reclamar sua parte, mas a autoridade do mais velho sobre ele torna isso impossível; é por isso que ele vai a Jesus.

Capítulo 3

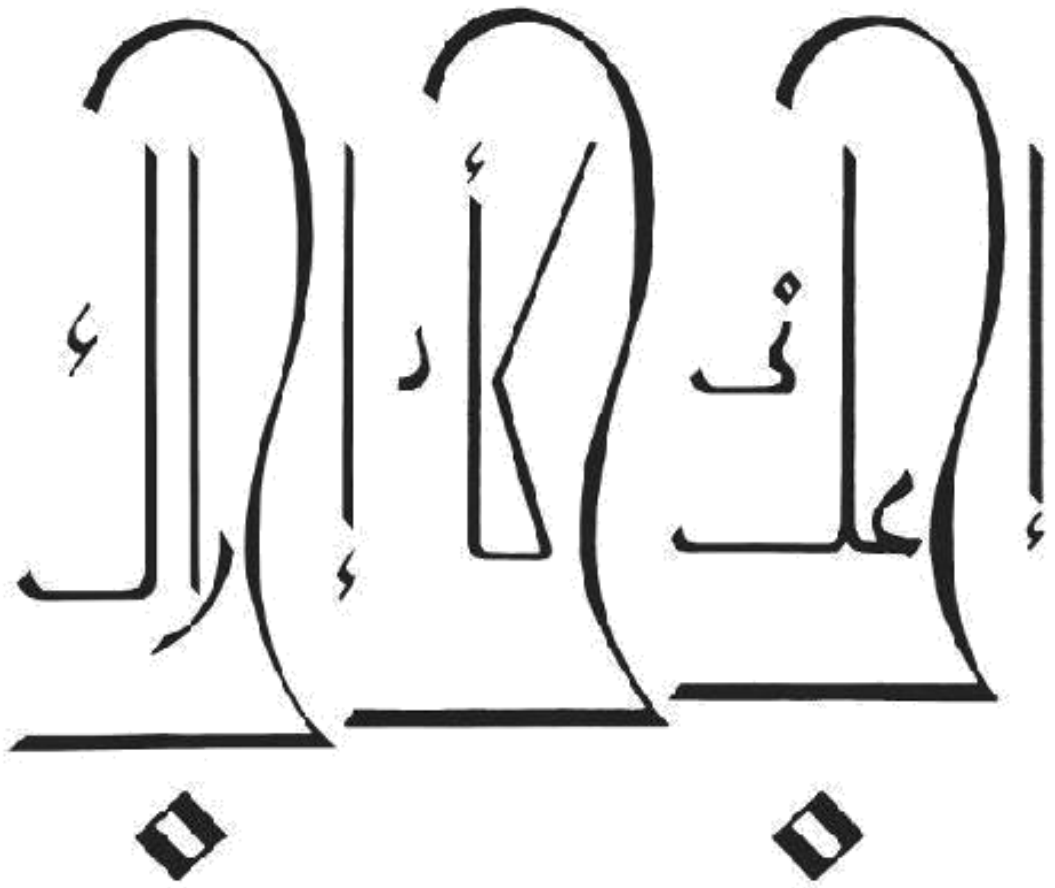
Ж

Un plan para salir airoso

EO filho pródigo está desesperado. Você tem que comer qualquer coisa.

Finalmente, elabore um plano para salvaguardar a sua honra. Ele vai voltar para casa e trabalhar como artesão. Se você viver de forma independente, pode evitar seu irmão.

Ele aprenderá um ofício, então ganhará dinheiro, devolverá o do pai e se salvará por seu próprio esforço. Sua humildade não é genuína; o que ele quer é comer. Da direita para a esquerda, os rostos começam com uma expressão de remorso e terminam com um sorriso mordaz.



Jornaleros como a uno Haz

Siervos de tus A mi

3

Um plano para ter sucesso

LUKE 15: 13-19

Ж

Pouco depois, o filho mais novo juntou tudo o que tinha e foi para um país distante; lá ele viveu descontroladamente e desperdiçou sua herança. (Versículo 13)

O filho pródigo precisa "sair da cidade" com pressa. O motivo é claro. Ele anda pela cidade tentando "vender seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas", da mesma forma que troca sua herança por um saco de moedas de ouro. As palavras juntam tudo (panta sinagagon) significam literalmente "transformou tudo em dinheiro".[1] A New English Bible traduz esse versículo da seguinte maneira: "Depois de alguns dias, o filho mais novo converteu toda a sua parte em dinheiro, saiu de casa e foi para um país distante." O desdém de toda a comunidade deve ser considerável, pois eles correram para vender e ir embora. Ele vai embora, e a única coisa que se segue é o amor de um pai quebrado.

Mas isso não é tudo.

No primeiro século, era um costume judaico que se um jovem judeu perdesse a herança de sua família entre os gentios e ousasse voltar para casa, a comunidade tinha que quebrar um grande recipiente diante dele e gritar "Fulano está isolado de seu povo . " Essa cerimônia foi chamada de

Kezazah (literalmente, "a corte"). Depois disso, a comunidade não teria mais nada a ver com

a pessoa rebelde.[dois] Ao vender sua herança e levá-la consigo, o filho pródigo corre um risco tremendo; Se você perder esse dinheiro para os gentios, terá queimado as pontes e não poderá voltar para casa. Você não poderá mais reivindicar quaisquer "direitos" e ninguém irá recebê-lo.

Viajar para um país distante. A palavra grega para "ele foi para um país distante" (apedēmēsen) é um termo colorido cujo significado literal é: "ele foi embora de sua própria aldeia". Lucas usa essa palavra apenas aqui. Na verdade, o filho mais novo abandonou sua própria aldeia. Não faz sentido especular a que "país distante" ele poderia estar se referindo, mas sabemos que era encontrado entre os gentios, uma vez que eles comiam carne de porco e usavam esses animais para sacrifícios. O ouvinte ou leitor lembrará que, em caso de perda de dinheiro na referida comunidade, a cerimônia Kezazah os aguarda.

Naquele país distante, ele "desperdiçou sua herança". A palavra "desperdiçado" (dieskorpisen) significa "espalhado". É usado em referência à dispersão do inimigo no campo de batalha. Também é usado no sentido de dispersar um rebanho de ovelhas, no sentido de dispersar a semente na semeadura ou no sentido de gastar dinheiro.[3] Como ele "espalhou" seu dinheiro não é explicado. A longa tradição interpretativa, que presumia que o pródigo desperdiçou seus recursos de forma imoral, é baseada nos comentários caluniosos de seu irmão mais velho. Mas, na verdade, o irmão mais velho nada sabe e a parábola nada diz sobre isso. Tudo o que o leitor sabe é que o dinheiro foi gasto. Além disso, a frase zon asotos, traduzida como "desenfreado", tem como significado básico "desperdício de vida". Aristóteles descreve um pródigo assim: "O pródigo é um homem com apenas uma qualidade fatal, a de desperdiçar sua substância."[4]

Quanto ao uso diário dessa palavra nos primeiros séculos, temos o registro de um anúncio público no qual os pais de um homem publicam que seu filho, "vivendo com libertinagem", estragou todos os seus bens.[5] Em outro caso, a esposa faz uma reclamação contra o marido por mau uso de sua propriedade.[6] Werner Foerster escreve: “Em termos de uso geral do grego, em Lucas 15: 7 zon asotos fala da vida dissoluta do pródigo sem especificar sua natureza; comp. v. 30. É simplesmente descrito como uma vida despreocupada e esbanjadora em face da escassez que está chegando.[7]

Este é o único lugar no Novo Testamento onde este advérbio é usado. Durante séculos, as versões árabes traduziram "uma vida extravagante".

Se o pródigo é um habitante tradicional do Oriente Médio, seu padrão de comportamento pode ser compreendido e reconstruído. O dinheiro é usado basicamente para estabelecer uma reputação de generosidade. Grandes banquetes são organizados e presentes caros são dados. A generosidade é uma virtude suprema, cobiçada por todos. A oportunidade de ganhar status aos olhos de seus novos amigos por meio do exercício dessa virtude seria o melhor dos prazeres para essa pessoa. Mas ele come o fruto de uma árvore que morreu por falta de irrigação. Você transplantou sua palmeira para o chão de concreto.

Depois de esgotar tudo, surgiu uma grande escassez na região e ele começou a passar necessidade. (Versículo 14)

Lucas mede suas palavras. A palavra gasto é novamente um termo especial que significa "desperdiçando", "desperdiçando" ou "desperdiçando". Continua a imagem do versículo 13. Quando a herança "incomum" do filho mais novo se esgota e o espectro da fome paira sobre ele como uma nuvem de tempestade ameaçadora, ele percebe que tem um grande problema. Por que você não pode ir para casa? Essa seria a solução mais natural para seus problemas. No entanto, nosso filho mais novo não; ainda não. Por quê? Existem pelo menos dois motivos que o mantêm naquele país tão distante.

Em primeiro lugar, a ideia de suportar o desdém do irmão. Se ele voltasse, não só seria culpado pelo passado, mas também seria forçado a viver da herança de seu irmão. Ele teria que "comer o pão de seu irmão" e, portanto, estaria em dívida com seu pai e irmão, cuja hostilidade aumentaria. É uma xícara muito amarga; não pode beber; pelo menos não ainda. Sua discordância com o irmão o impede de se relacionar com o pai.

Em segundo lugar, você deve confrontar as pessoas. Ele rompeu seu relacionamento com toda a comunidade e agora todos o desprezam. É difícil

para ele imaginar sua vida ali. Tendo quebrado as regras e 'perdido sua herança entre os

Gentios ", ele sente a ameaça da cerimônia Kezazah. A comunidade é implacável com o homem caído. Os mendigos suportam queixas indizíveis. As crianças brincam nas ruas da cidade e estão sempre dispostas a perseguir qualquer infeliz, zombar dele e cantar insultos ao mesmo tempo.

Marcos 10: 46-52 nos diz como Jesus sentiu pena de Bartimeu. O nome Timeu provavelmente vem da raiz hebraica "sujo". Então Bartimeu significaria "filho da sujeira". Essas foram as palavras ofensivas que a população local proferiu neste mendigo.

Outro exemplo desse tipo de zombaria é encontrado na história de Eliseu e a boy band. Aparentemente, o profeta Eliseu era careca. Embora fosse um profeta, ele não escapou do desprezo das crianças da aldeia. O texto diz:

> *De Jericó, Eliseu foi para Betel. Ele estava subindo a estrada quando alguns meninos saíram da cidade e começaram a zombar dele. Vamos, velho careca! Eles gritaram com ele. Vamos, velho careca! " Eliseu se virou e, olhando para eles, os amaldiçoou em nome do Senhor. Instantaneamente, dois ursos saíram da floresta e cortaram quarenta e dois meninos em pedaços. (2 Reis 2: 23-24)*

O profeta foi extremamente severo com sua retaliação, mas quando alguém viu e experimentou a crueldade verbal desses grupos, com suas canções de ridículo e escárnio, quase ficamos satisfeitos ao ler que uma vez, muito tempo atrás, alguém os impediu. Nas aldeias da Palestina, aconteceu-me que os homens da aldeia, pensando que eu era um peregrino árabe e, portanto, um hóspede da aldeia, me escoltaram para afastar a "quadrilha". O filho pródigo teria que enfrentar essa gangue. Ele seria atacado verbalmente por ela, mas, no caso dele, os adultos, em vez de protegê-lo, se juntariam a ela. Ele havia perdido sua herança entre os gentios!

A parábola diz que "houve uma grande fome na região". Também há fomes em nosso mundo do século XXI. Mas pelo menos existem comunicações e uma comunidade internacional pronta para enviar ajuda. Mas antes que esses recursos estivessem disponíveis, a fome no Oriente Médio foi um horror indescritível. Houve um desses em 1889 no Sudão.

Até então, o sucesso da revolução realizada por um líder religioso chamado Mahdi havia deixado o Sudão isolado do mundo exterior. Um oficial austríaco chamado Rudolf Carl von Slatin ficou preso no país por causa da revolta. A fome atingiu o verão de 1889. Von Slatin conseguiu escapar e escreveu suas experiências.[8] Conta como crianças eram vendidas como escravas para evitar que morressem de fome. Ele fala sobre as pessoas que encontrou mortas todas as manhãs nas ruas de Omdurmán, a capital. Quando o número aumentou, o governador da cidade declarou que era responsabilidade de todos os homens jogar no rio os cadáveres que encontrassem em frente de sua casa. Em seguida, os habitantes de Omdurmán tentaram arrastar os corpos que encontraram em frente de sua casa para a casa do vizinho. Todas as manhãs havia altercações por toda a cidade porque os homens lutavam pelo lugar onde as pessoas haviam caído mortas. Os mercadores tinham que manter chicotes de hipopótamo à mão para manter os mendigos enlouquecidos à distância, que poderiam atacá-los e assumir suas tendas. Os pequenos mercadores que colocavam suas mercadorias nas ruas corriam para protegê-los quando aqueles desgraçados passavam. Homens desarmados que se aventuraram a sair à noite foram atacados e comidos. Animais perdidos foram mortos e comidos crus. As pessoas devoravam couro de sapato, carne podre e lixo; até mesmo as palmeiras. As famílias das aldeias, vendo que a morte estava sobre eles, fecharam as portas de suas casas com tijolos e esperaram por ela em uma sala para evitar que seus corpos fossem comidos pelas hienas. Foi assim que cidades inteiras foram varridas do mapa. As pessoas que ouviram Jesus devem ter guardado todos esses tipos de memórias em sua memória.

> *Então ele foi e conseguiu um emprego com um cidadão daquele país, que o mandou para seus campos para cuidar de porcos. (Versículo 15)*

O verbo traduzido como "conseguiu um emprego" é usado no Novo Testamento simplesmente no sentido de que um homem se junta a outro. No entanto, a própria palavra (kollao) vem da palavra cola (kolla) e é

também pode ser traduzido como "aderido a" ou "aderido". Na verdade, o filho pródigo atingiu um cidadão daquele país. Essa palavra também é usada em referência a um homem "vinculado" à esposa, ao pó que "gruda" em seus pés, "vinculado" a uma prostituta e "apegado" ao bem. O verbo é usado doze vezes no Novo Testamento, sete delas nos escritos de Lucas.[9]

Essa prática tipicamente oriental persiste até hoje. Você estaciona seu carro no centro de uma cidade movimentada. Em meio ao agitado enxame das ruas, um homem aparece. Ele abre a porta para você e começa a limpar furiosamente o seu pára-brisa já limpo. Ele pega a sacola que você está carregando e o segue até uma loja. Você tenta em vão se livrar dele. Ele pega suas compras no balcão e o devolve ao carro. Naturalmente, ele espera que você o pague bem por seu "serviço fiel e leal". Ele "grudou" em você. Isso é o que acontece em nossa história.

O cidadão daquele país muito provavelmente não amará o filho pródigo e tentará se livrar dele oferecendo-lhe um emprego que o mendigo certamente recusará. Essa é a prática atual no Oriente Médio. O diretor de uma escola, se quiser ficar sem professor, não o despede. O que ele faz é atribuir a ele um trabalho que ele sabe que o professor recusará. A empresa que quer demitir um funcionário oferece a ele um cargo em um lugar distante. Você sabe que o funcionário irá rejeitá-lo e renunciar. Ainda assim, o cidadão do país distante provavelmente não quer nada com este mendigo, devido ao fato de que tantos deles batem em sua porta todos os dias. Este jovem em particular é conhecido na comunidade. Ele deve vir de uma família de alta classe, porque ele chegou com uma fazenda. Pelo jeito como ele se veste e fala, eles sabem que ele é judeu. Isso significa que ele odeia porcos. Se ele ainda tiver alguma honra, ele se recusará a alimentá-los. No Oriente Médio, os porcos continuam a ser detestados: muçulmanos e judeus porque sua religião o dita; Cristãos, em sua maioria, por opção. É difícil transmitir o quão repulsiva é a ideia de alimentar porcos para alguém de cuja cultura e tradição você não gosta. Ao falar sobre fazendas com as pessoas dessas cidades, muitas vezes fiquei relutante e até mesmo envergonhado em admitir que porcos são criados em meu país. Mas o filho pródigo está desesperado. Você aceita. É difícil transmitir o quão repulsiva é a ideia de alimentar porcos para alguém de cuja cultura e tradição você

não gosta. Ao falar sobre fazendas com as pessoas dessas cidades, muitas vezes fiquei relutante e até mesmo envergonhado em admitir que porcos são criados em meu país. Mas o filho pródigo está desesperado. Você aceita. É difícil transmitir o quão repulsiva é a ideia de alimentar porcos para alguém de cuja cultura e tradição você não gosta. Ao falar sobre fazendas com as pessoas dessas cidades, muitas vezes fiquei relutante e até mesmo envergonhado em admitir que porcos são criados em meu país. Mas o filho pródigo está desesperado. Você aceita.

O texto nos diz que o dono dos porcos é um "cidadão". Isso significa que ele é um homem de certos meios e posição social. Nem todos os habitantes de um país eram cidadãos. A palavra usada aqui certamente se refere àquela classe especial de poucos privilegiados que gozavam de plenos direitos no governo da cidade, em uma das cidades gregas do Oriente Médio. Lucas, bem treinado em grego, é o único autor do Evangelho a usar essa palavra (ver Lucas 15:15; 19:14; Atos 21:39).

Alguns povos cristãos no Oriente Médio têm os porcos como "lixeiros" da comunidade. Eles ficam soltos nas ruas e se alimentam de lixo e esterco. O fazendeiro moderno, com suas lindas fazendas de porcos com comedouros de concreto, está, no pensamento e na prática, a anos-luz do mundo de nossa parábola.

> *Ele estava com tanta fome que queria encher o estômago com a comida que davam aos porcos, mas ninguém deu nada a ele. (Versículo 16)*

O pródigo estava desesperado para comer o que era jogado nos porcos, mas seu estômago não conseguia digerir. A palavra grega por trás de "teria gostado" é uma palavra forte. Significa, entre outras coisas, "desejo", "luxúria", "desejo" e "anseio". Também se refere ao desejo sexual. É a palavra que Jesus usa quando diz: "Antes de sofrer, tive grande desejo de comer esta Páscoa convosco" (Lucas 22:15).

Além disso, como judeu, o filho pródigo provavelmente não se rebaixaria a comer os restos de carne de porco deixada para os pastores quando o senhor cidadão matava qualquer animal do rebanho. Se alimentar porcos era nojento o suficiente, comer suas tripas era impensável!

O versículo não diz que o filho comeu, mas que ele queria. Ele gostaria de ser um porco para poder comer as vagens que eram dadas aos porcos.[10] Eles viveram melhor do que ele. Seus estômagos estavam cheios enquanto o dela estava vazio.

É claro que ele tentou implorar. Vagões e pessoas seguem as mesmas estradas que o gado. Ele provavelmente seguiu os que passavam tanto quanto podia, estendendo a mão e fazendo um gemido lamentável de súplica em vão, já que "ninguém lhe deu nada".

Seu desespero foi mais profundo. Ele não tinha ficado completamente sem corda; ainda não. Mas sua necessidade absoluta tornou-se maior do que a vergonha de passar antes do pai, do irmão e na cidade. O perigo brutal a que ele seria exposto na aldeia agora era inevitável. Ele estava morrendo de fome e um homem tem que comer tudo!

De forma alguma ele considerou seriamente voltar para casa antes de tentar todas as outras alternativas sem sucesso. Logo ele estaria fraco demais para andar até lá, então ele tinha que voltar enquanto ainda tinha forças para a jornada.

> *Por fim, ele recobrou o juízo e disse a si mesmo: "Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra e aqui estou eu, morrendo de fome! Eu tenho que voltar para meu pai e dizer a ele: Pai, eu pequei contra o céu e contra você. Não mereço mais ser chamado de seu filho; trate-me como se eu fosse um de seus empregados. " (Versículos 17-19)*

O filho mais novo finalmente "caiu em si" e decidiu ir para casa. Durante séculos, essa frase foi interpretada como significando que ele "se arrependeu". Mas foi assim? Em seu solilóquio do país distante, ele não expressa nenhum remorso, apenas o desejo de comer. Ele não disse: "Desonrei minha família" ou "Causei grande dor e angústia a meu pai". Ele nem se arrepende de ter perdido o dinheiro. Ele fala consigo mesmo e pensa, com efeito: outros comem enquanto eu estou morrendo de fome; tenho que fazer algo. Algumas versões em árabe traduzem como "ele acordou". Por 1.800 anos, as versões árabe e siríaca nunca usaram a linguagem do arrependimento neste texto.

Seu problema era que havia perdido dinheiro entre os gentios e sabia que quando voltasse para casa teria que enfrentar a cerimônia de Kezazah. A restauração para a família e a comunidade só foi possível (como ele pensava) depois que ele devolveu o dinheiro que havia perdido. Mas não foi

um homem de negócios. Daí seu plano de se preparar para trabalhar com os outros diaristas. Só então ele poderia economizar dinheiro (como outros trabalhadores), compensar suas perdas e um dia reconquistar seu lugar na família e na comunidade.

Mas, para ser aceito como aprendiz em algum emprego, precisava do apoio do pai. Portanto, sua tática era apresentar "um discurso muito humilde" que convencesse (ele esperava) seu pai e ele o apoiasse; só mais uma vez!

Infelizmente, o filho pródigo ainda não entende a natureza de seu pecado. Pense nisso como o dinheiro perdido. Não é isso! É sobre o coração partido de seu pai. O problema não é ter infringido a lei, mas sim o relacionamento. Se for um servo, ele pode conseguir um emprego, ganhar dinheiro e pagar suas dívidas. Mas, no caso do filho, o pai não ficará satisfeito com tal solução. Ele ainda não entendeu nada. Daí a natureza da "confissão" proposta.

Planeje cuidadosamente as primeiras palavras que vai dizer. Prepare o seguinte: "Pai, pequei contra o céu e contra você." Jesus estava se dirigindo a um público instruído. Esta frase é uma paráfrase do que o Faraó disse a Moisés após as primeiras nove pragas. À medida que o Faraó se sentia cada vez mais pressionado diante de Moisés, ele finalmente cedeu, convocou o profeta e confessou: "Pequei contra o Senhor teu Deus e contra ti" (Êxodo 10:16). A linguagem da versão aramaica deste texto ainda se assemelha mais a Lucas 15:18 do que o hebraico.[onze] Todos sabem que o Faraó não se arrependeu de verdade. Em vez disso, ele estava tentando manipular Moisés de acordo com seus próprios interesses. O surgimento de uma nova versão dessa conhecida frase falada pelo faraó deixa claro que o filho pródigo estava tentando algo semelhante. Queria manipular o pai para que confiasse nele, mais uma vez, e garantisse por ele em face de um padrão de reputação que lhe permitiria abrir caminho como aprendiz. Não pela graça; Ele poderia progredir com o próprio pé! Ele não se ofereceu para se tornar um escravo (doulos). Os escravos não são pagos. Ele precisava de dinheiro e queria se preparar para trabalhar como misthios (operário especializado).[12]

Ele lembrou que os trabalhadores tinham "comida[13]de sobra". Na aldeia o

o pão é o produto base. Todas as refeições consistem em pão acompanhado de algum outro alimento.

Para comer, as pessoas nas aldeias do Oriente Médio partem pequenos pedaços de pão, um de cada vez, e os usam para se servirem da comida do prato principal. A própria palavra pão tem fortes conotações emocionais ausentes em inglês. Quando um morador diz "somos pessoas que comemos pão", ele está dizendo "somos pobres e temos pouco mais para comer". O homem não trabalha para "ganhar a vida", mas para "comer pão". A linguagem do Oriente Médio está repleta de referências idiomáticas ao pão. A própria vida é chamada de "comer pão". Essas atitudes em relação ao pão permeiam todo o Antigo e Novo Testamentos. No livro de Jó, o ímpio é descrito como aquele que "vagueia sem rumo em busca de alimento" (Jó 15:23) e Jesus se refere a Judas como "aquele que compartilha o pão comigo me fez tropeçar" (João 13:18)

"Pão de sobra" é mais do que muitos ousam esperar. O pródigo lembra que na casa de seu pai até os diaristas desfrutam desse luxo raro.

Usando eu tenho que voltar[14] adiciona uma nuance muito refinada à história. O pródigo, como prelúdio de sua trama, diz a si mesmo: Vou me levantar e ir embora. Uma "ressurreição" é necessária e, neste ponto, ele pensa que pode alcançá-la por conta própria. Essa mesma palavra reaparecerá na boca do pai com uma força impressionante.

No país distante, quando o pródigo usa essa palavra importante, ele não está contemplando a reconciliação ou a restauração de sua infância. Antes que a história termine, haverá uma "ressurreição" genuína nos arredores da cidade e graças à demonstração de amor de seu pai.

Toda uma série de atitudes sutis aparecem no aspecto negativo da confissão do filho pródigo. Pode ser bom resumi-los brevemente. Estes seriam alguns deles:

1. Ele não vai morar com a família, mas em uma aldeia próxima com outros trabalhadores. Portanto, ele não terá que viver com seu irmão odiado. Se seu plano der certo, esse mesmo ódio o impedirá de se relacionar com seu pai. Não

ele pode viver com seu pai sem aceitar seu outro filho como irmão. Se seu maldito irmão saísse de casa, seu problema seria muito mais simples.

2. Como trabalhador assalariado, espera "recuperar" o que perdeu. Nos tempos bíblicos, era comum uma pessoa endividada vender-se por um determinado período de tempo por conta de suas dívidas (ver Levítico 25: 39-55; 2 Reis 4: 1; Mateus 18:25). O filho pródigo perdeu o dinheiro da família, mas espera se redimir sem ajuda. Depois de pagar a dívida, você reconquistará o respeito do povo. Seu pai certamente ficará impressionado com sua "humildade" no início do processo e com seu sucesso no final.

3. Ele pensa que a relação com o pai será de servo e senhor. Com sua mentalidade, provavelmente é isso que você entende. No início da história, ele rejeitou as responsabilidades da herança. Essa rejeição inicial implica claramente que ele também rejeitou sua verdadeira posição como filho. O contraste entre filho e servo era um tema básico entre Jesus e os fariseus. Hoje é um tema básico entre o Cristianismo e o Islã. Somos servos de Deus e ele o mestre da lei? Ou somos seus filhos amados e ele um pai compassivo?

4. O filho pródigo ainda não vê que não se trata de ter infringido a lei (dinheiro), mas de ter rompido um relacionamento. Ele ainda não entende o que fez e o que isso realmente significa. Nesse país distante, a proposta de trabalhar como diarista parece um excelente plano. Ele não enfrentou o fato de que partiu o coração de seu pai. É por isso que não lhe ocorre pensar em como curar aquele coração partido. Pense que com a devolução do dinheiro tudo se resolverá.

5. A reconciliação não faz parte do seu plano imediato. Ele quer comer e é o que diz. Ele está trabalhando em um país distante e está morrendo de fome. Se você aprender um ofício, conseguir um novo emprego e ganhar um salário decente, pode comer. Ele não enfrentou seu próprio pecado, por isso é difícil para ele entender o que significa reconciliação e o custo. No sentido mais profundo, o filho pródigo não está voltando para casa. Retorne à servidão. Enquanto ele continuar a ter a mesma atitude, ele permanecerá em um país espiritualmente distante, mesmo que fisicamente esteja mais perto de sua cidade natal. Em suma, ele ainda está perdido na periferia da cidade.

1. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, "αυνάγω" em A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, University of Chicago, 195, Chicago, IL, 1957, p. 789.

dois. Kenneth E. Bailey, Jacob and the Prodigal, InterVarsity Press, Downers Grove, IL, 2003, p. 102, n. 8

3. Veja Mt 25:24; 26:31; Mc 14:27; Lc 1:51; 16: 1; Atos 5:37.

4. Aristóteles, Ética a Nicômaco, Livro IV. indivíduo. I, Losada, Buenos Aires,
2007

5. James Hope Moulton e George Milligan, The Vocabulary of the Greek Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-literary Sources, Eerdmans, Grand Rapids, 1952, p. 89

6. Ibid.

7. Werner Foerster, "ἀσώτως, ἀσωτία," no Dicionário Teológico do Novo Testamento, ed. Gerhard Kittel, trad. Geoffrey W. Bromiley, Eerdmans, Grand Rapids, 1964, 1: 507.

8. Rudolf Slatin Pascha, Um fogo e espada no Sudão, Bruno del Amo, Madrid, 1930, pp. 453-56 da tradução inglesa.

9. Veja Lucas 10:11; 15:15; Atos 5:13; 8:29; 9:26; 10:28; 17:34.

10. A palavra para "vagens" é keration, que pode se referir às vagens das sementes da alfarrobeira (Ceratonia siliqua), uma variedade da falsa acácia. Essas vagens podem ser fervidas para fazer melaço. Um ser humano não pode sobreviver apenas com alfarroba; os porcos fazem.

onze. O Targum Onkelos introduz a palavra qadam ("na presença de"), que aparece em Lucas 15:18 na palavra grega enopion, que tem o mesmo significado. Nem a palavra qadam nem seu equivalente aparecem no texto hebraico. Veja Alexander Sperber, The Bible in Aramaic, Grill, Leiden, 1959, 1: 105.

12. Kenneth E. Bailey, Poet and Peasant and Through Peasant Eyes, Eerdmans, Grand Rapids, 1980, pp. 176-77.

[13]. A NIV em inglês (NIV) traduz "pão" em vez de "comida".
[14]. Em inglês, "I have to get up."

Capítulo 4

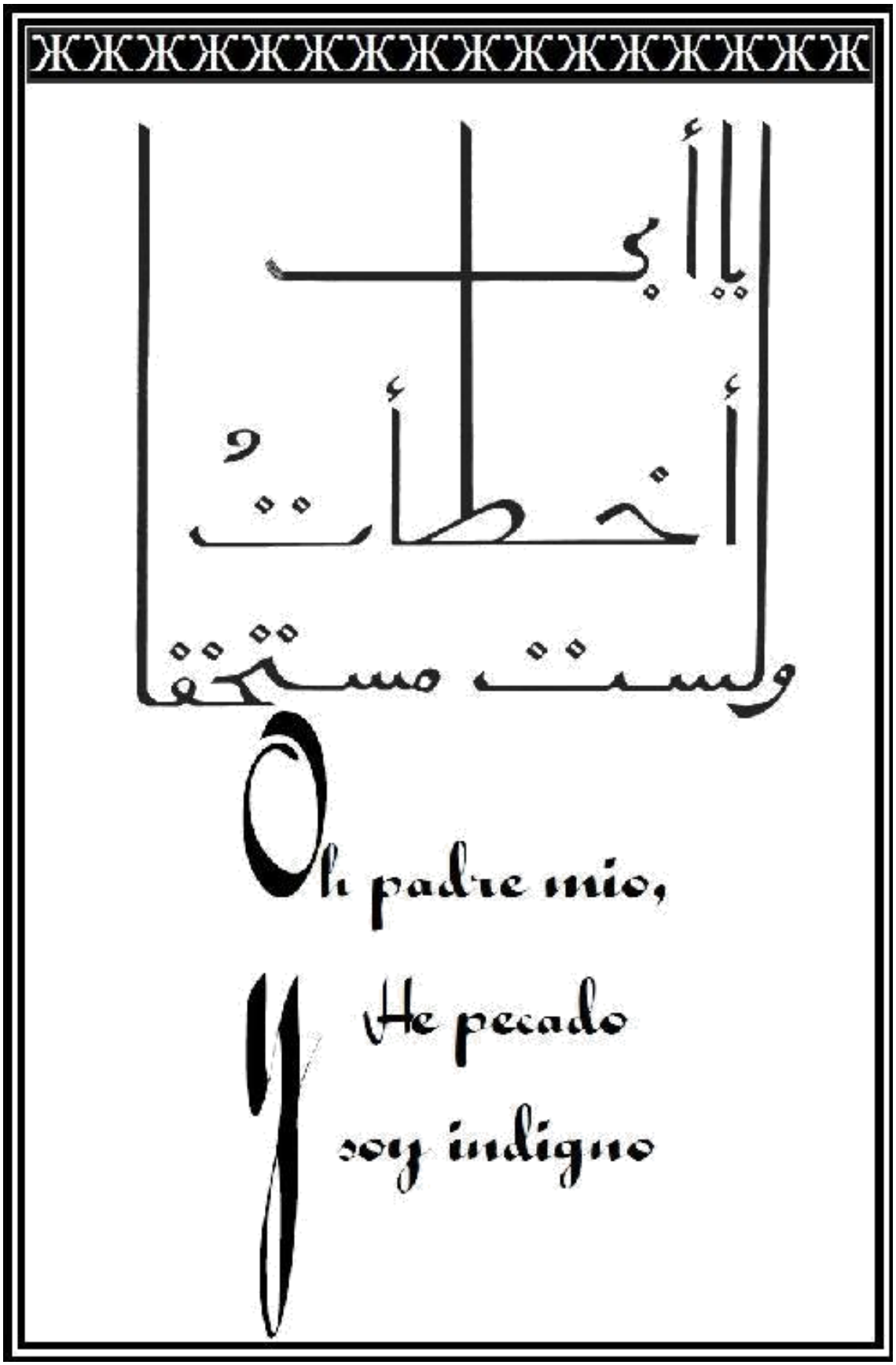
Ж

Un cara a cara explosivo

SSempre que associamos "meu pai" a "pequei", há uma cruz.

Como a segunda placa, esta também começa com "meu pai", só que agora as palavras da cruz pródiga no final da página. Como ele havia ensaiado no país distante, é uma tentativa de manipulação. Aqui, na periferia da cidade, ele verifica as palavras e omite algumas, e a tentativa de manipulação surge como uma sincera confissão de indignidade.

A cruz do sofrimento do pai sempre esteve lá. Mas agora, após o reencontro explosivo na estrada, o filho pródigo finalmente a vê.


ЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖЖ
يا أبتا
أخطأت
ولست مستحقا
Oh padre mio,
He pecado
y soy indigno

4

Um confronto direto explosivo

LUKE 15: 20-24

Ж

Então ele começou a viagem e foi até seu pai. Ele ainda estava longe quando seu pai o viu e teve pena dele; Ela correu para encontrá-lo, abraçou-o e beijou-o. (Versículos 20-21)

As coisas não correram como o filho esperava. O que aconteceu foi tudo menos ortodoxo, não importa como você olhe para isso. O jovem havia caído em desgraça no início da história, ao pedir sua herança, e se rebaixou ainda mais ao vendê-la.

Quando o filho pródigo voltou para a aldeia, ele pensou que o pai ficaria isolado em sua casa enquanto ele caminhava pelas ruas. Nesse processo, no mínimo, ele seria "dominado" pelos locais.

Quando descobrissem que o dinheiro havia sido perdido entre os gentios, eles iniciariam a cerimônia Kezazah. Em seguida, o filho seria forçado a sentar-se por um tempo na frente de sua casa até ter permissão para ver seu pai. Seria finalmente necessário. Depois de ser rejeitado pelos moradores da cidade, o pai ficava muito bravo e o menino era forçado a se desculpar por tudo e implorar por um emprego como operário na próxima cidade.

Mas não é isso que acontece. Na cidade ninguém pensa ou age como indivíduo, mas sim como parte de um compacto tecido social. A solidariedade do indivíduo com a comunidade é inabalável. O pai, entretanto,

ele reage de uma forma totalmente contrária à sua cultura. Ele pula todas as regras do patriarcado oriental e corre para se reconciliar com seu filho.

A palavra correr, em grego (dramon), é o termo técnico usado para corridas em estádios. Paulo usa essa palavra várias vezes neste sentido (1 Coríntios 9:24, 26; Gálatas 2: 2; 5: 7; 2 Tessalonicenses 3: 1; Hebreus 12: 1). Lucas é um homem culto que escolhe suas palavras com muito cuidado. Portanto, poderíamos traduzir a frase da seguinte maneira: "seu pai o viu, teve pena dele e fugiu". Ele não rasteja devagar nem anda rápido: ele corre! No Oriente Médio, um homem dessa idade e posição sempre caminha devagar e com dignidade. Podemos assegurar-lhe que há quarenta anos ele não correu para lugar nenhum sob qualquer pretexto. Na aldeia, as pessoas com mais de 25 anos nunca fogem. Mas desta vez o pai corre na estrada. Para fazer isso, ele precisa segurar a ponta do manto com as mãos, como um adolescente. Isso expõe suas pernas, o que é considerado humilhante. Tudo isso é dolorosamente constrangedor para ele. Homens perdidos vão parar de atormentar o filho pródigo e, em vez disso, correrão atrás do pai, surpresos ao ver como esse velho respeitável se humilha publicamente. É a "compaixão" que leva o pai a correr ao encontro do filho. Você sabe o que seu filho vai encontrar na cidade. Assuma a vergonha e a humilhação devidas ao filho pródigo. espantado ao ver como esse velho respeitável se humilhava publicamente. É a "compaixão" que leva o pai a correr ao encontro do filho. Você sabe o que seu filho vai encontrar na cidade. Assuma a vergonha e a humilhação devidas ao filho pródigo. espantado ao ver como esse velho respeitável se humilhava publicamente. É a "compaixão" que leva o pai a correr ao encontro do filho. Você sabe o que seu filho vai encontrar na cidade. Assuma a vergonha e a humilhação devidas ao filho pródigo.

O mistério e a maravilha de Deus em Cristo são algo impossível de capturar em qualquer parábola. Ainda assim, neste relato incomparável, encontramos uma indicação clara de pelo menos parte do significado dessas coisas. O pai, em casa, representa claramente Deus. A melhor compreensão do texto é que o pai sai de casa e assume uma postura humilhante na rua, torna-se um símbolo do Deus encarnado. Ele não espera que o pródigo venha até ele, mas paga um grande preço saindo para encontrar e ressuscitar os perdidos e mortos. Essas ações (vistas no contexto do Oriente Médio) afirmam claramente uma das dimensões mais profundas do significado da encarnação e da expiação. Paulo afirma esta mesma verdade

com sua grande frase: "Em Cristo, Deus reconciliou consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19). No Evangelho de João, Jesus diz: "O Pai e eu somos um" (João 10:30). O mistério da plenitude de Deus no Filho, em sua encarnação, nos ultrapassa. No entanto, esta parábola descreve um

um pai que abandona o conforto e a segurança de seu lar para se humilhar perante todo o seu povo. Sair ao encontro do filho é uma parábola da encarnação. Esta cara demonstração nas ruas da cidade de um amor inesperado mostra-nos uma parte do significado da cruz.

Quando o pai corre rua abaixo, metade da cidade o segue. A conversa que ocorre na periferia da cidade é acompanhada por um grupo de pessoas que fica para ouvir. É claro que os servos fazem parte desse grupo, já que o pai se dirige a eles no caminho. Tudo o que foi dito em breve chegará a todas as casas da aldeia. As ações do pai são um drama de reconciliação que pode reconciliar o filho com seu lar e com seu povo. Depois dessa cena, ninguém na cidade será capaz de rejeitá-lo ou desprezá-lo.

Existem vários orientalismos que exigem uma explicação. A palavra grega para "ter compaixão" (splanchizomai) está enraizada em "intestinos" (splanchnon). No Oriente, os gregos e hebreus pensavam que o centro das emoções era o abdômen. Suas percepções são fáceis de entender. Quando um amigo próximo ou familiar passa por momentos difíceis, ou mesmo quando pensamos em um possível acidente, sentimos uma forte contração no abdômen. Para os gregos, o abdômen era o núcleo de paixões violentas, como a raiva e a luxúria. Os hebreus, entretanto, o entendiam como o centro de emoções ternas, como bondade e compaixão. Hoje, as cidades continuam falando da mesma maneira. Quando alguém ouve uma história especialmente triste e emocional, diz: "Você está arrancando minhas entranhas". Ou quando um bom amigo sai, seus companheiros dirão "não corte nossas entranhas", no sentido de "se você for embora, ficaremos muito tristes". O pai vê o filho de longe, antes de chegar aos arredores da cidade, e sabe o que o filho pródigo terá que sofrer quando tiver que sair pelas ruas da cidade. O pai é "destripado" pelo filho. Portanto, ele foge.

Além disso, o pai beija seu filho. A palavra beijado (katephilesen) significa "beijado repetidamente" ou "beijado com ternura". O primeiro significado é o mais provável. No Oriente Médio, tanto nas despedidas quanto nas saudações, espera-se que os homens de qualquer grupo se beijem. Beijar com "ternura" seria feminino e deslocado.

Mas "beijar continuamente" com masculinidade seria a expressão natural de profunda compaixão.

Com um pouco de imaginação, compreenderemos facilmente o medo intenso que envolveu o filho pródigo enquanto ele viajava os últimos quilômetros até a cidade. O vergonhoso castigo que o aguardava bastaria para aterrorizar qualquer pessoa. Mas, ao chegar, ele encontra uma inesperada demonstração de amor de seu pai. Esse amor sempre esteve lá, mas eu não tinha visto. Agora o amor se torna visível e pela primeira vez ele consegue compreendê-lo.

O Islam afirma que nesta história o menino é salvo sem a necessidade de um salvador. O pródigo retorna. O pai o perdoa. Não há cruz, não há sofrimento e não há salvador. Mas não é assim. A encarnação e a expiação estão dramaticamente presentes na história e formam seu primeiro clímax. No sofrimento na cruz, o principal não foi a tortura física, mas a agonia do amor rejeitado. Nesta parábola, o pai sofre essa agonia durante todo o tempo da separação. A própria possibilidade de reconciliação está baseada nele. O pai poderia ter rompido o relacionamento e ficado tão calmo, como se nunca tivesse tido um filho. Assim, com o tempo, o sofrimento teria diminuído e a possibilidade de o filho pródigo voltar, desaparecendo.

Cada pessoa afetada pelo mal tem duas alternativas. Uma opção é sofrer e perdoar por meio do sofrimento. A outra é buscar vingança. A vingança evita o sofrimento. Existe um provérbio popular que diz: “como ele não conseguia bater no burro, bateu na sela”. O pano de fundo deste provérbio é a história de um homem montado em seu burro. O burro perde o controle, começa a galopar e o homem cai no chão com a sela. Amaldiçoando, ele corre atrás do burro com uma vara na mão, mas não consegue alcançá-la. Então ele volta e bate sua raiva contra a sela. Da mesma forma, homens e mulheres freqüentemente buscam vingança na fonte de seu sofrimento. Se não estiver disponível, eles procuram um substituto; algum.

O povo das montanhas da Etiópia conta uma história gráfica com a mesma moral. Um elefante atravessa a selva e, sem perceber, pisa no filho do leopardo e o mata. O leopardo quer vingança. Ele reúne seus amigos leopardos e eles pensam no que podem fazer.

"Quem matou o filho do leopardo?" pergunta um deles. Sem resposta. Eles têm medo de dizer "o elefante". Finalmente, um jovem leopardo se levanta e grita “cabras! As cabras mataram o filho do leopardo! Foram as cabras más e vingativas! Eles devem pagar por seu crime. Todos os leopardos rugem juntos, todos eles saem de uma vez e matam centenas de cabras para vingar a morte do filho do leopardo.

O sofrimento do pai no início de sua separação não afeta o filho pródigo. Ele nem mesmo está ciente disso. O filho tem que ser uma testemunha do que seu pai sofreu por ele. Se ele não vê, o filho é duro demais para descobrir o sofrimento do pai e entender que ele é a causa da dor. Sem essa manifestação visível, o filho pródigo voltará para casa como um servo. O mais seguro é que ele se tornará cada vez mais parecido com o filho mais velho. Sem essa demonstração visível de amor, nenhuma reconciliação é possível. Não é esta história a maneira de Deus lidar com o pecado do mundo no Gólgota?

Como o filho pródigo responderá a esse desperdício transbordante de amor?

> *Pai, pequei contra o céu e contra você.*
> *Não mereço mais ser chamado de seu filho. (Versículo 21)*

Incrivelmente atordoado, o pródigo muda de ideia e não acaba de dizer o que queria! Deliberadamente, ele põe de lado a oferta de se tornar diarista. Ele não está tentando oferecer nenhuma solução para seu afastamento! Ele está sobrecarregado e tudo o que pode fazer é colocar-se à mercê de seu pai e dizer "Não mereço mais ser chamado de seu filho." Ele se rende completamente à vontade de seu pai. No início da história, ele insistia em ser livre e controlar sua própria vida. Agora ele deixa seu destino inteiramente nas mãos de seu pai. Você é dominado pela inesperada e custosa efusão de amor. Palavras originalmente destinadas a manipular tornam-se uma expressão genuína de arrependimento.

No Ocidente, a interpretação tradicional é que o pai interrompeu o filho e não o deixou terminar o que queria dizer. Mas o que acontece é que ele se

sente oprimido pela consciência de que seu verdadeiro pecado não é ter perdido o dinheiro, mas sim o dano causado ao pai. Realidade e

A escala de seu pecado, bem como a intensidade do sofrimento causado a seu pai, o oprime. Sua consciência dispara e ele percebe que não há nada que ele possa fazer para consertar o que causou. Sua proposta de trabalhar como diarista agora é uma blasfêmia para ele. Isso não é uma interrupção. Mude de idéia e aceite ser encontrado. Desta forma, atende à definição de arrependimento que Jesus nos dá na parábola da ovelha perdida. Como a ovelha perdida, agora o pródigo aceita ser encontrado.

Quando o pai observa que o filho não tem ideias brilhantes para resolver o problema do rompimento do relacionamento, ele mesmo ordena uma festa, assim como o pastor e as mulheres.

> *Mas o pai ordenou a seus servos:*
>
> *"Em breve! Traga as melhores roupas para vesti-lo. Também coloque um anel no dedo e sandálias nos pés. Traga o bezerro mais gordo e mate-o para um banquete. Porque esse meu filho estava morto, mas agora ele voltou à vida; estava perdido, mas já o encontramos. " Então eles começaram a festejar. (Versículos 22-24)*

Os servos acompanharam o pai ao longo do caminho. O pai se dirige a eles e manda que vistam o menino de filho. Ele não diz ao menino "vá se lavar, faça a barba e vista uma roupa decente". O que ele faz é ordenar aos criados que tragam para ele as melhores roupas e o vistam. Eles têm que honrá-lo como um filho daquela casa.

As "melhores roupas", claro, são as melhores roupas do pai. Na história de Ester, Hamã é questionado sobre o que ele acha que o rei deve fazer pelo homem que ele deseja homenagear. Sua primeira sugestão é vesti-lo com vestes reais usadas pelo rei (Ester 6: 1-9). O filho pródigo comparecerá ao banquete vestido com as roupas mais elegantes de seu pai. Os hóspedes daquela noite irão perceber e tratá-lo com respeito, graças ao seu traje. Eles entenderão que ele recuperou totalmente o status de filho.

O anel é certamente a marca registrada da casa. José também recebeu as vestes e o anel de Faraó (Gênesis 41: 41-42). Nós sabemos de registros

primitivo que a palavra usada aqui (daktylios) se refere a um anel de sinete. Em um caso, refere-se ao selo de um contrato de casamento, em outro, ao de um testamento.[1] O Antigo Testamento tem vários exemplos de anéis de sinete.[dois] Ainda hoje, nas aldeias, os documentos oficiais são assinados com o selo do anel da família. Dar esse anel ao filho pródigo será particularmente irritante para seu irmão mais velho, pois significa que o selo foi confiado ao filho pródigo. O irmão mais velho recebeu a promessa do resto da propriedade. O que o pródigo fará com o poder desse anel?

Usar sandálias nos pés também pode ser um símbolo de sua nova posição. Os escravos andam descalços. As crianças usam sandálias.

A comunidade do povo pródigo é formada por vários grupos de pessoas diferentes. Estará relacionado com a família, os servos e diaristas da família, os habitantes da cidade e os anciãos da cidade. O pai tem o tato de restabelecer a relação do menino com cada um deles. Esvaziando-se do amor, ele restaura a relação do filho pródigo com a família. Ele ordena aos servos que o "vistam". Com isso, os servos são obrigados a tratá-lo com respeito, como seu amo. A recepção inicial é pública. Ou seja, o relacionamento do filho pródigo com todas as pessoas é restaurado. Durante o banquete, o filho pródigo usa as roupas mais caras do pai. Os mais velhos também terão que aceitá-lo por lealdade ao pai. Mas ainda não há nenhum plano para restaurar um último relacionamento rompido. Será o mais difícil de corrigir. Seu irmão ainda está no campo! Quando chegue,

Só o pai é capaz de se reconciliar e a reconciliação só ocorre por meio da graça. O filho mais novo traz para casa apenas um punhado de roupa suja.[3] Os fariseus reclamaram que Jesus aceitava pecadores e comia com eles. Jesus não se desculpa condescendentemente e diz “afinal, eles são pessoas infelizes. Não temos a obrigação de ter algum tipo de relacionamento com eles? " O que isso faz é nos desafiar. Você não apenas os aceita, mas corre para restaurá-los de braços abertos! Ele não apenas come com eles, quando eles aceitam seu amor, mas ele mata o bezerro mais gordo para celebrar o sucesso de seu custoso esforço de reconciliação.

O "bezerro mais gordo" que é morto para a festa é, na verdade, "boi nobre". A palavra "gordura" (siteuton) vem da palavra "grão"

(sites). Portanto, "o bezerro mais gordo" é um animal alimentado com grãos, cuja carne é de alta qualidade. A carne na cidade é uma iguaria incomum. O pai está fazendo uma declaração pública de como está feliz por ter encontrado o filho perdido e por resgatá-lo da morte para a vida.

O filho agora enfrenta a tentação de cair na falsa humildade. Seria fácil para ele renunciar à infância, insistindo que não é digno dela, e pedir status de servo. Isso seria insistir em continuar a viver em seu distante país espiritual. Vença esta última tentação e com genuína humildade aceite a restauração, sabendo que você não vale a pena. Tudo o que ele possui se deve ao amor e à generosidade de seu pai.

Com todas as emoções daquele grande dia de reconciliação em segundo plano, o que você pode esperar do filho pródigo no futuro? É fácil presumir que ele servirá a seu pai com um coração feliz e disposto. Depois do que aconteceu, ele não o servirá por medo de punição, nem trabalhará esperando por recompensas. Imagine uma conversa entre o filho e algum estranho no campo. Embora o filho trabalhe muito mais do que seu dever, alguém lhe pergunta: “Por que você está tentando impressionar seu pai? O que você quer dele agora? Ele responde com raiva: "Você não parece saber minha história!" Se você tivesse ouvido, não falaria assim! " Implícita nesta parábola está a atitude e motivação corretas para o serviço cristão.

Algumas versões modernas traduzem as palavras do pai desta forma: “porque este meu filho estava morto e voltou à vida; ele estava perdido e foi encontrado. A expressão "voltar à vida" não é essencial para a tradução.[4] Claro, o pai está se referindo principalmente à reconciliação recente. No entanto, as palavras que ele usa nos permitem supor que o pai também se refere ao filho muito antes de ele sair de casa. Na verdade, o filho estava perdido e morto, no que diz respeito à relação com o pai, desde o início de seu afastamento. Agora, pela primeira vez, ele é encontrado e trazido de volta à vida. Se ele não estivesse "perdido e morto" desde o início, ele nunca teria sido tão cruel a ponto de pedir por seu

peça, venda e saia de casa. O filho mais velho ainda está "perdido e morto". O pai também vai ter que sofrer por ele. Agora que o filho mais novo está em casa, vamos parar para resumir seu "processo de peregrinação". Detectamos uma série de etapas específicas. Obviamente, não existe uma ordem que forneça uma imagem verdadeira. Muitas dessas coisas acontecem ao mesmo tempo. Mas podemos distinguir os seguintes movimentos:

O caminho da peregrinação do filho pródigo

1. Durante a ausência do filho pródigo, o pai continua sofrendo a agonia da rejeição de seu amor.
2. O filho fica sem recursos e decide voltar para a casa do pai para treinar e trabalhar como diarista.
3. Ele começa a voltar na esperança de se salvar.
4. O pai mostra um amor inesperado e se esvazia de humilhação.
5. Destruído, o filho se rende totalmente a ele e não oferece alternativa para continuar seu relacionamento.
6. O filho confessa sua indignidade pessoal.
7. O pai oferece reconciliação e a posição de filho.
8. O filho aceita a oferta do pai com genuína humildade, sabendo que é um presente, de pura graça.
9. A criança aceita (nós assumimos) a responsabilidade adquirida como criança com uma nova atitude. Agora ele conhece e aceita o amor de seu pai e pode retribuir. O serviço agora não é mais uma forma de ganhar mais, mas uma oportunidade aceita de bom grado de expressar amor e gratidão.
10. Ele entra na família e concorda em amar seu irmão odioso e viver com ele.

Este é o momento em que o capítulo alcança majestosamente o clímax que faltava.

1. James Hope Moulton e George Milligan, *O vocabulário do grego Testamento* [O vocabulário do testamento grego], Eerdmans, Grand Rapids, 1963, p. 136

dois. No Antigo Testamento grego (LXX), essa mesma palavra (daktylios) é traduzido mais de trinta vezes para a palavra hebraica tabbaath, que significa "selo" ou "anel de sinete", da raiz taba, "imprimir".

3. Reminiscente de Isaías 64: 6.

4. A palavra original traduzida como "voltar à vida" é *Ezesen*, o que também sai em v. 32. Mas neste, v. 24, prefixado por ana. A conotação pode ser “voltar para”, mas em Romanos 7: 9 e em outros lugares a ênfase neste “voltar para” é perdida e a palavra se torna um sinônimo para zao. Nos quase dois mil anos de traduções siríacas e árabes desse texto, as palavras "retornar a" nunca apareceram.

Capítulo 5

Ж

El clímax que faltaba

Ena parte inferior do desenho é repetido o equivalente a "Olha, eu" em árabe, ao mesmo tempo tornando-se uma moldura externa que engloba o resto da frase. Tudo o que este filho mais velho diz e faz permanece dentro do grande Eu.

Seu pai está no pátio implorando para que ele quebre as linhas grossas do grande Eu. Recebe-lo? Estamos perdendo o clímax da história.


أهاننا
وما أعطيتنا
قط
Me has dado nada
Y tú nunca
Te he servido,

5

O clímax que falta

LUKE 15: 25-32

Ж

Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando voltou, quando se aproximou da casa, ouviu a música do baile. (Versículo 25)

É óbvio que esta é uma família razoavelmente abastada. Eles têm propriedades, pois existe uma herança para distribuir. Eles têm um bezerro "muito gordo" que estão engordando, antecipando que algum evento importante exigiria um grande banquete. Sua casa é grande o suficiente para acomodar muitas pessoas que vão comê-la. Além disso, eles têm escravos, contratam artesãos, têm roupas de festa e cabras para as refeições. Tudo isso significa que o filho mais velho não tem trabalhado pessoalmente no campo. Nenhum fazendeiro com servos iria trabalhar manualmente, nem seus filhos. O filho mais velho devia estar sentado respeitável em algum lugar na sombra, supervisionando os trabalhadores. O dia acabou e ele voltou para casa.

A palavra principal em grego (presbyteros) é a mesma usada como título dos anciãos da cidade, geralmente mencionada em conexão com os escribas. É claro quem este filho representa.

Ao se aproximar da casa, ele ouve música e dança. A palavra música (sinfonias) pode se referir a um grupo ou a um único instrumento. Provavelmente havia dois ou três instrumentos, incluindo um tambor e algum tipo de instrumento de cordas. O filho mais velho deve ter ouvido o

a batida de longe e a batida o teriam alertado de que era uma espécie de festa alegre. A dança (choron) provavelmente se refere a um grupo de músicos e dançarinos. A palavra também tem o possível significado de "dança circular". Uma das danças mais antigas do mundo é a pole dance circular dos camponeses do Oriente Médio. É simples e engraçado. Quase todo mundo a conhece. A mesma palavra é usada com referência a "dança" na versão grega do Antigo Testamento, no Salmo 149: 3 ("louvai o seu nome com danças") e no Salmo 150: 4 ("Louvai-o com pandeiros e danças".) Davi também dançou diante do Senhor, embora outra palavra seja usada, quando a arca sagrada chegou a Jerusalém (2 Samuel 6:14).

A confusão e o entusiasmo andam de mãos dadas na vida da aldeia. A ordem é irritante, mas não há ordem! A cena é fácil de visualizar. Os convidados principais já chegaram, pois a música e a dança já começaram. Muita gente se reúne, há risos e palmas ao ritmo do tambor. As portas e janelas estão abertas e todos estão se divertindo. De vez em quando, uma mulher solta um "grito de alegria" estridente que intensifica a emoção do momento. Um grupo de crianças corre pelo pátio da casa. Eles não têm idade suficiente para participar do banquete, mas podem desfrutar da música e da festa do lado de fora.

Ao se aproximarem da casa e ouvirem a música, a reação natural do irmão mais velho deveria ser de prazer, antecipando uma noite agradável com as pessoas importantes da cidade. Você espera que ele entre na casa sem nenhum problema. Dentro de casa, o pai lhe dirá do que se trata o banquete! No entanto, ele permanece do lado de fora.

Então ele chamou um dos servos e perguntou o que havia de errado. (Versículo 26)

A palavra traduzida como servo (país) na NIV pode ser traduzida como "filho", "menino" ou "servo". Claramente, "filho" não se encaixa. É uma questão de escolher entre "menino" e "servo".

País ele se refere a "menino" em toda uma série de textos do Novo Testamento. Herodes mata todas as crianças (paidas) de Belém (Mateus 2:16).

Jesus expulsa um demônio de um menino (país, Mateus 17:18). Jesus era uma criança (país) quando apareceu no templo com a idade de doze anos (Lucas 2:43). "Servo" também é possível,[1] mas não é provável, uma vez que os criados devem estar todos ocupados com comida dentro de casa. No entanto, o referido grupo de meninos estaria correndo pelo quintal. É por isso que o filho mais velho naturalmente se aproxima de um deles.[dois]

Esses jovens fazem parte da multidão que o filho mais velho temia ao se aproximar de casa. Quando não há clubes infantis, nem programas escolares, nem esportes organizados, essas gangues se inscrevem em todos os eventos especiais que existem. Se ainda por cima é um acontecimento dramático, como o que testemunhou, que culmina num banquete, não o perderá. Eles não foram convidados para o banquete em si, mas ficarão perambulando pelo pátio, juntando-se às gargalhadas e talvez tocando tambor e apresentando suas próprias danças. Eles contarão com entusiasmo a todos os presentes o que ouviram ao longo do caminho. Eles se tornam um conglomerado de humanidade jovem que faz parte da vida das pessoas onde há entusiasmo. Quando o filho mais velho se aproxima de casa, o natural seria ligar para um dos meninos e perguntar o que há de errado.

> *Seu irmão chegou ", respondeu ele," e seu pai matou o bezerro mais gordo porque recuperou o filho são e salvo. (Versículo 27)*

Este jovem é o "coro grego" da peça. Diga ao público o que realmente acontece. As partes essenciais do seu texto são fornecidas resumidamente. A criança não dá uma opinião pessoal, ela representa o que o povo tem para a ocasião. Ele se refere ao pai como "seu papai". Se fosse um servo, ele teria dito "meu chefe".

As palavras do menino são carregadas de significado. Ele diz ao filho mais velho que o pai acolheu um pecador e está se sentando para comer com ele. Essa é precisamente a reclamação dos fariseus contra Jesus (Lucas 15: 2). Neste ponto da história, é absolutamente claro que a figura do pai se tornou um símbolo do próprio Jesus. Mas ainda há mais.

O menino não diz "seu irmão está de volta". "Voltar" é uma palavra muito importante na Bíblia. Em Isaías, com referência à pessoa ímpia, Deus diz “volta-te para o Senhor, nosso Deus, que é generoso em perdoar e dele recebereis misericórdia” (Isaías 55: 7). Na verdade, em hebraico, a palavra "voltar" e a palavra "arrepender-se" são a mesma (shub).

Aqui, na parábola, o menino diz ao irmão mais velho "seu irmão tem hekei". Em grego, heko pode significar "ele chegou" e também pode significar "ele está aqui". Não há indicação de que o filho pródigo fez uma jornada de arrependimento e retorno. Simplesmente apareceu e as coisas começaram a acontecer.

Além disso, o pai recebeu o pródigo Hygiaino. Como palavra grega, usada na cultura grega, hygiaino tem a ver com boa saúde; daí o nosso termo higiene deriva. Mas em todos os casos em que é usado no Antigo Testamento grego, é para traduzir a palavra hebraica shalom (paz). Quando um judeu que falava grego ouviu a palavra hygiaino, ele pensou em paz. Shalom implica boa saúde, mas também significa "reconciliação". Sem dúvida, essa palavra estava nos lábios de Jesus quando ele contou a história original. Se o irmão mais velho tivesse ouvido "seu pai recebeu seu irmão são e salvo" (como diz a NIV), o irmão mais velho teria corrido porque isso significaria que o pai ainda não havia decidido o que fazer com o filho pródigo. O irmão mais velho gostaria de estar presente para insistir que ele "ponha seu irmão irresponsável para trabalhar e devolva o dinheiro antes de entrar em casa!" Mas se o pai já havia recebido o filho pródigo "em paz", isso significava que eles haviam se reconciliado e que o filho mais velho não tinha nada para fazer. Isso explica a raiva explosiva do irmão mais velho. O que você fará com essa raiva então?

> *“Indignado, o irmão mais velho recusou-se a entrar.*
> *Então seu pai saiu para implorar a ele para fazer isso. "*
> *(Versículo 28)*

Tudo o que resta na casa, legalmente, é propriedade do filho mais velho. Embora o pai continue a gozar de autoridade, a riqueza que resta é prometida ao filho mais velho. Quando o pai morrer, o filho mais velho obterá o direito de dispor dele. O pai pode tirar proveito de seus bens em usufruto se o considerar conveniente. Mas, se você não fizer isso, eles serão adicionados

para a capital que o filho mais velho um dia herdará. O pai tem todo o direito do mundo de organizar um banquete suntuoso e o filho mais velho não tem nada a dizer. Mas ele não acha engraçado que os ganhos de sua propriedade sejam gastos, o que de outra forma aumentaria seu capital. Essa capital um dia seria sua.

Mas há algo mais. Em um banquete como este, o pai se senta com os convidados. O filho mais velho geralmente fica de pé e serve a comida como "garçom chefe". A diferença importante entre ele e os outros garçons é que ele pode participar da conversa dos comensais. Ao colocar o filho mais velho do chefe entre os garçons, é como se a família dissesse: "Vocês, nossos convidados, são tão importantes que nosso filho é seu servo". Mas você está disposto a servir ao seu irmão?

O filho mais novo foi restaurado por uma graça cara que viola a honra tradicional do povo. É fácil para o filho mais velho sentir que o pai desonrou a família aos olhos da comunidade. Reconciliação e restauração sem pagamento de penalidade prévia por parte do condenado é algo que é muito difícil para ele entender e aceitar. Para certos tipos de pessoas, a graça não é apenas surpreendente, mas também enfurecedora.[3]

A resposta do filho mais velho tem um significado crucial. Ele se recusa a entrar na sala de banquetes quando os convidados já estão lá. Em qualquer situação social, seja em banquete ou não, os familiares do sexo masculino devem se aproximar para apertar a mão dos convidados, mesmo que não permaneçam durante a visita. Eles não podem ficar longe se estiverem nas proximidades da casa. O não cumprimento dessa cortesia é um insulto pessoal aos convidados e aos pais, como convidados. O filho mais velho sabe disso e, portanto, sua ação é um insulto público e deliberado ao pai.

Algo semelhante acontece no relato de Esther. O rei Assuero convoca a rainha Vashti para o banquete, ela se recusa e o resultado é horrível. Somos informados de que "isso irritou muito o rei e ele ficou furioso". Os sábios do reino rapidamente concluem que sua ação é uma ameaça e ela é imediatamente dispensada (Ester 1). No banquete que nos preocupa, temos certeza de que o pai vai se enfurecer de maneira semelhante.

A recusa do filho em entrar atinge imediatamente o pai e se espalha

entre todos os convidados. Nada é segredo em uma cidade. É uma clara ruptura nas relações entre o filho e o pai. A situação é muito grave, pois tudo isso acontece publicamente durante um banquete. O fato de ser em público torna esta rebelião do filho mais velho ainda mais séria do que a rebelião anterior do filho pródigo. Todos os presentes no banquete estão tensos, esperando a reação do pai. Eles presumem que o filho mais velho será punido imediatamente ou ignorado até que os convidados saiam, então ele será tratado com severidade.

Pela segunda vez no mesmo dia, a resposta do pai é incrível. Mais uma vez, isso mostra que você está disposto a suportar a vergonha e se esvaziar do amor para alcançar a reconciliação. A parábola afirma de forma breve e sucinta: "seu pai veio implorar-lhe para fazê-lo." É quase impossível transmitir a comoção que deve ter causado em todo o salão do banquete, quando o pai abandonou deliberadamente seus convidados, humilhando-se diante de todos, e saiu para o pátio para tentar se reconciliar com seu filho mais velho.

O pai ama seus dois filhos indiscriminadamente. É dado a ambos da mesma maneira, independentemente de suas ações. Ele se esvazia do amor sacrificial, de forma visível e dramática, no mesmo dia e de maneira semelhante, diante de dois filhos com necessidades diferentes.

Ele sai para implorar, não para punir ou condenar. A palavra grega usada para "súplica" é kaleo. Esta palavra pode ter muitos tons de significado por meio de prefixos. Por exemplo:

eng-kaleo: "implorar" ou "acusar"
eis-kaleo: "Ligar" ou "convidar"
epi-kaleo: "Chamada pelo nome"
pro-kaleo: "Provocar" ou "desafiar"
pros-kaleo: «convocar "ou" fazer vir "como o oficial que convoca seu inferior ou o mestre ao servo
syng-kaleo: "juntar"
para-kaleo: "Apelar", "implorar" ou "tentar reconciliar"

Lucas conhece bem essa família de palavras e a usa mais do que qualquer outro autor do Novo Testamento. No versículo 26, o filho mais velho

Ele "faz vir um menino" (pros-kaleo) para pedir informações. Aqui, no versículo 28, esperamos que o pai "traga" (pros-kaleo) da mesma maneira para seu filho mais velho, para pedir-lhe que explique sua grosseria em público. Ou talvez ele o "desafie" (pro-kaleo) ou mesmo o "acuse" (eng-kaleo). Por outro lado, em contraste direto com o filho que cita um inferior para uma explicação, o pai sai para "implorar" (para-kaleo), para "apelar", para "tentar reconciliar". Robertson, em sua gramática monumental, nos dá a chave para os dois prefixos usados aqui com a mesma palavra. Ele diz que para simplesmente significa "ao lado" ou "ao longo" (nosso paralelo) e os profissionais sugerem "cara a cara".[4] Assim, o filho "traz" o menino para ficar diante dele como um inferior o faria. Mas o pai tenta "implorar" ao filho. Ele lhe pede para "ficar ao seu lado", para olhar o mundo da perspectiva de seu pai. Paulo usa a mesma palavra novamente em 2 Coríntios 5:20: "Em nome de Cristo, rogamos-te (para-kaleo) que te reconcilies com Deus." Surpreendentemente, esse mesmo tipo de apelo é a maneira que o pai escolhe diante de seu filho irado e rebelde.

A rejeição de seu amor pelo filho mais velho causa uma agonia muito mais profunda no pai, pois é um insulto em público. No início daquele dia, ele também pagou o preço de se esvaziar do amor para que o filho pródigo se reconciliasse com ele. Agora ele deve pagar o mesmo preço para tentar conquistar o filho mais velho. O pai deve ir para o filho em humilhação se ele o quiser. Se você está satisfeito com um servo, o sofrimento de se esvaziar é desnecessário. Você pode arrastar o filho mais velho para dentro, amarrá-lo e puni-lo mais tarde. Mas isso causará uma amargura ainda maior e um distanciamento mais acentuado. Se você ignorar o incidente, estará acabado como pai. O próximo passo do filho seria mais ameaçador para a autoridade do pai. O pai faz a única coisa que pode abrir a porta para o arrependimento e restauração genuínos. Pague o preço da reconciliação. Novamente, há a encarnação e a expiação.

> *Mas ele respondeu: «Olha quantos anos te sirvo sem nunca desobedecer às tuas ordens e não me deste um filho para festejar uma festa com os meus amigos! Mas agora vem aquele seu filho, que desperdiçou sua fortuna com prostitutas, e você matou o bezerro mais gordo em sua homenagem! " (Versos 29-30)*

O filho mais velho se condena claramente com suas próprias palavras. Todo o seu ser vem à tona com este breve discurso. Muitas coisas são evidentes que requerem atenção.

1. O filho se recusa a participar da reconciliação do irmão com o povo. A mulher, o pastor e o pai, cada um de maneira diferente, fizeram o esforço necessário para recuperar o que havia sido perdido. Trabalharam, na verdade sofreram, para poder encontrar. Mas o filho mais velho não faz esse esforço e não aceita essa responsabilidade.

2. Ele se rebela contra seu pai. Nesse discurso, ele insulta seu pai pela segunda vez em uma tarde, ao omitir o devido tratamento. A frase "Oh pai" é um sinal essencial de respeito. O filho mais velho opta por ser rude. O filho mais novo era rebelde e ele sabia disso. Seu irmão é um rebelde e ele não sabe disso. Ele responde: "nunca desobedecendo às suas ordens."

3. Você quebrou um relacionamento, não uma lei. Está em conformidade com a lei ao pé da letra, como orgulhosamente declara. Como seu irmão fez, agora ele parte o coração de seu pai.

4. Ele acusa o pai de favoritismo, dizendo que "você não me deu um filho para comemorar uma festa com meus amigos". Quer dizer, você dá a ele um bezerro e a mim nem mesmo uma criança!

5. Ele se vê fora da família. É claro que seu pai e seu irmão não estão entre aqueles amigos com quem você quer se divertir!

6. Recusa-se a se associar ao pai. Seu pedido tem o mesmo tom do pedido anterior de seu irmão: "Eu quero o meu!" O objetivo deles parece ser tirar o pai dele, não compartilhar com ele. O filho mais velho tem sua parte. O que o incomoda é não ter autoridade ilimitada sobre ela.

7. Ele despreza seu irmão. Não querendo chamá-lo de "meu irmão", ele se refere a ele como "seu filho". Além disso, ele oferece um relato inventado das ações de seu irmão. O irmão mais velho acaba de voltar do campo e não sabe de nada, mas acusa o irmão de viver com prostitutas. Ela se recusa a levar o irmão para casa e a se reconciliar com ele. Ele não se alegrará, nem ajudará a servir um banquete onde seu irmão está sentado.

8. Ele está preso em uma armadilha insuspeitada. Diz o irmão mais novo

"Ele desperdiçou sua fortuna com prostitutas." Ao fazer isso, ele se recusa a reconhecer que o filho pródigo poderia fazer o que quisesse com a parte que seu pai lhe dera. Ao mesmo tempo, ele reclama porque ele, o filho mais velho, não tem plena liberdade para fazer o que quiser com sua parte.

9. Ele entende o relacionamento com seu pai como o de um servo antes de seu mestre. Ele diz: "Veja quantos anos tenho servido a você", e assim como faria um servo, ele começa a reivindicar seus direitos. Ele trabalhou muito e nem recebe um filho, mas o preguiçoso do filho pródigo recebe o bezerro mais gordo! Que injustiça terrível! Um servo obedece à lei. Um filho responde ao amor. Sua escolha é a lei e sua preocupação são as recompensas.

10. O filho mais velho precisa ser perdoado pelo pai e pelo irmão. Ele acredita que são eles que deveriam se desculpar, mas na realidade é ele quem precisa de perdão. A resistência do filho mais velho em se reconciliar com o irmão o obriga a romper o relacionamento com o pai. Jesus se refere a essa mesma coisa na Oração do Senhor. Nesta parábola, a razão por trás disso vem à tona. O homem que não pode viver com seu irmão obviamente não pode viver com o resto da família; isto é, a harmonia com o pai é impossível. As semelhanças entre os dois irmãos se multiplicam.

11. Isso falsifica o significado do banquete. O menino diz a ele que o banquete é para celebrar o sucesso do pai em criar o shalom. O filho mais velho grita: "Você mandou matar o bezerro mais gordo em sua homenagem." O banquete é em homenagem ao pai, não ao irmão. O filho mais velho não quer entender.

12. A inveja, o orgulho, a amargura, o sarcasmo, a raiva, o ressentimento, o egoísmo, o ódio, a mesquinhez, a auto-satisfação e a auto-ilusão o consomem. Mesmo assim, ele parece considerar suas ações uma busca virtuosa por honra.

Esse diálogo, como a troca anterior com o filho pródigo na estrada, não acontece em privado. Quando o pai está fora, alguns criados, alguns dos convidados menores e um bando de pessoas não identificadas saem juntos. Todos eles, junto com a inevitável gangue de meninos, ouvem em roda.

Tenho a nítida impressão de que o filho mais velho está se apresentando para a tribuna. Ele sabe que suas palavras serão repetidas de cor em todas as casas. Você quer deixar sua posição clara

E consegue!

> *Meu filho ", disse o pai," você sempre esteve comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas tínhamos que comemorar e nos alegrar, porque esse seu irmão estava morto, mas agora ele voltou à vida; estava perdido, mas já o encontramos. (Versículos 31-32)*

Se o pai for um patriarca oriental, ele gritará: "Basta! Prenda-o! Eu vou cuidar dele mais tarde! " Em vez disso, esse pai ignora a omissão de tratamento respeitoso e não leva em consideração nem amargura, nem arrogância, nem distorção dos fatos, nem acusação de favoritismo. Não há julgamento, não há crítica e não há rejeição. Ele começa sua resposta com teknon, que não é a palavra usual para "filho" (huios). Huios é usado para filho nos versos 11, 13, 19, 21, 24, 25 e 30. A nova palavra (teknon) introduzida aqui é um termo especial para "filho", indicando amor e afeição. É a palavra que Maria usa quando encontram Jesus no templo e ela diz: "Filho, por que te comportaste assim conosco?" (Lucas 2:48). O pai não usou aquele título especialmente afetuoso quando disse aos servos para vestir o filho mais novo, mas usa aqui. Pode ser traduzido como "meu filho querido!" Muito gentilmente, ele corrige apenas um ponto na fala do filho, lembrando-o de que o filho pródigo é "seu irmão". O resto de suas palavras são um pedido de desculpas de alegria.

O pastor não sentiu necessidade de explicar aos vizinhos por que ficou feliz depois de encontrar as ovelhas. Não foi difícil para a mulher convencer as amigas a ficarem felizes com ela por ter encontrado a moeda. No entanto, o pai é forçado a fazer isso! Quão triste e anormal a reclamação dos fariseus no versículo 1 nos parece neste grande relato!

A parábola do filho pródigo não terminou. Jesus deixa a história no ar. Toda a trilogia atinge seu clímax no pátio. Na sala de banquetes, os convidados aguardam tensos para ver se o filho abandonará a rebelião e entrará em casa com humildade. Mas estamos perdendo o fim. Claramente omitido de propósito. O motivo de Jesus omitir isso é óbvio, pois ele está se dirigindo a um grupo de pecadores religiosos que se opõem à sua mensagem. Eles ainda têm a oportunidade de se reconciliar com o Pai, presente entre eles na pessoa de Jesus. Com o coração endurecido,

Eles também podem rejeitar seu amor e aumentar seu sofrimento. Na história real, a história se desenrola assim: “então o filho mais velho, com muita raiva, pegou seu cajado e bateu em seu pai”. Não é este o fim da história da cruz?[5] Mas ainda há outra opção.

Neste ponto da história, Jesus está no palco no papel do pai. Os fariseus estão no palco no papel do filho mais velho. Jesus está dizendo a eles: “Esta é minha explicação de por que me sinto e como me sinto com os pecadores. O que eles vão fazer comigo agora? Todo leitor ou ouvinte é forçado a refletir exatamente sobre essa questão.

Uma parábola não é uma forma de lançar uma ideia. Este não é um cartucho que você possa descartar assim que a bala for disparada. Uma parábola é uma casa onde o leitor ou ouvinte é convidado a residir. Somos convidados a olhar o mundo do ponto de vista da história. Cada "casa" tem janelas e quartos diferentes. Portanto, a parábola tem uma ideia primária com outras secundárias embutidas nela. Você pode ter um agregado de temas teológicos que são suportados pelo próprio relato. Naturalmente, o intérprete deve procurar apenas aqueles temas que estavam à disposição do público do primeiro século que ouviu Jesus. Que temas aparecem neste maravilhoso "evangelho dentro do evangelho", como tem sido chamado por séculos?

Quase ficamos envergonhados com sua riqueza, mas eu sugeriria o seguinte:

A parábola dos dois filhos perdidos: o enxame teológico.

Pecado. A parábola exibe dois tipos de pecado. Um é o pecado de quem infringe as leis e o outro é o pecado de quem as cumpre. Cada um se concentra em um relacionamento rompido. Você rompe esse relacionamento porque deixa de atender às expectativas da família e da sociedade. O segundo quebra esse relacionamento ao atender às mesmas expectativas.

Liberdade. Deus concede à humanidade liberdade total, ou seja, a liberdade de rejeitar seu amor. A humanidade é livre para escolher seu próprio caminho,

mesmo que cause dor infinita ao coração amoroso de Deus.

Arrependimento. Dois tipos de arrependimento refletem-se dramaticamente: (1) ganhar aceitação como servo / trabalhador, (2) aceitar o presente caro de ser encontrado como filho / filha.

Graça. Graça é a oferta de amor gratuito que busca e sofre para salvar.

Alegria. Para o pai, alegria é encontrar. Para o filho, a alegria está sendo encontrada e restaurada na comunidade.

Agir como um pai. A imagem de Deus como um pai compassivo é aqui a melhor representação de todas as Escrituras. É definido como um desperdício de amor por aqueles que violam a lei e aqueles que a cumprem.

Agir como um filho. Cada filho retorna ao pai definindo sua relação com ele (o filho mais velho) ou tentando defini-la (o filho pródigo) como a de servos antes de seu mestre. O pai não aceitará tal definição. Ele oferece uma manifestação de amor a cada um deles porque se propôs a ter filhos que correspondessem ao amor, não apenas servos que obedecessem às suas ordens.

Cristologia. Em duas ocasiões, o pai assume a forma do servo sofredor, que em cada caso oferece uma demonstração custosa de amor inesperado. A mulher e o pastor fazem algo semelhante, mas em menor grau. Em cada caso, alguém "se esvazia". A terceira parábola encarna uma relação implícita e direta entre as ações de Jesus e as ações do pai, pois cada uma delas acolhe pecadores e compartilha a mesa com eles. Esta unidade de ação ratifica a unidade da pessoa.

Família / Comunidade. O pai oferece seu caro amor aos filhos para restaurar seus relacionamentos no contexto familiar ou comunitário. A família é a metáfora de Jesus para a igreja.

Encarnação e expiação. O pai se esvazia e desce ao encontro dos filhos onde eles estão (encarnação). No processo, ele demonstra uma efusão de amor redentor (expiação). Quando se trata dele, estes

atos geram um poder incalculável de expiação e expõem claramente alguns dos níveis mais profundos do significado da cruz e da encarnação.

Eucaristia. Enquanto participava do banquete, o pródigo se senta e come com seu pai, que conseguiu merecê-lo se esvaziando do amor. Desta forma, a alma da Eucaristia é confirmada. O tom da Eucaristia ou do banquete é o de uma celebração, não o de um funeral. O preço pago pelo pastor, pela esposa e pelo pai não é esquecido nos banquetes ao final de cada parábola. O ambiente do banquete é de alegria por ter conseguido recuperar o que se perdeu.

Escatologia. O banquete messiânico começou. Todos nós que aceitamos a demonstração de amor do pai, somos bem-vindos como convidados. Compartilhar a mesa com Jesus é uma celebração proléptica do banquete messiânico do tempo do fim. Esta parábola é precedida pela parábola do grande banquete em Lucas 14: 15-24. O Evangelho de Lucas diz ao leitor nesta parábola que "comer no banquete do Reino de Deus" significa finalmente aceitar compartilhar uma mesa com Jesus. Este mesmo tema também é evidente nesta parábola.[6]

---

1. Mt 8: 6, 8, 13; 12:18; 14: 2; Lc 1:54, 69; 7: 7; Atos 4:25. Mas Lucas usa o Doulos palavra para "servo" vinte e sete vezes. Além disso, a palavra doulos é a mais usada para se referir a um servo.

dois. Na peça, transformei este menino em um servo por motivos teatrais, não exegético.

3. A mesma irritação aparece na parábola do generoso dono de uma vinha em Mateus 20: 1-16.

4. AT Robertson, *Uma gramática do Novo Testamento grego à luz de Pesquisa Histórica* [Gramática do Novo Testamento Grego à Luz da Pesquisa Histórica], Broadman, Nashville, 1934, p. 613.

5. Supondo que nos Evangelhos Sinópticos os fariseus não eles participam do evento da cruz. Os responsáveis são as autoridades do templo com a cooperação de Pilatos. De tudo e com isso, os fariseus infligem a dor da rejeição sobre ele, opondo-se à sua pessoa e à sua mensagem.

6. Revisado por Kenneth E. Bailey, *Jacob e o Pródigo* [Jacob e o Prodigal], InterVarsity Press, Downers Grove, IL, 2003, pp. 115-17.

Bibliografia em espanhol

Bornkamm, Gunther, Jesús de Nazaret, Biblical Studies Library, 13, Follow me, Salamanca, Spain, 1975.

Dodd, CH, The founder of Christianity, Herder, Barcelona, 1977.

————, As parábolas do reino, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1974.

Donahue, John R., O evangelho como parábola: metáfora, narrativa e teologia nos evangelhos sinóticos, Messenger, Bilbao, 1997.

Flusser, David, Jesús nas suas palavras e no seu tempo, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1975.

Jeremias, Joachim, Jerusalém no tempo de Jesus: estudo econômico e social do mundo do Novo Testamento, Ediciones Cristiandad, Madrid, Espanha, 2000.

————, As parábolas de Jesus, Palavra Divina, Estella, Navarra, 2003.

Nouwen, Henri Josef Machiel, O retorno do filho pródigo: meditações antes de uma pintura de Rembrandt, PPC, Madrid, 1999.

Pascha, RS, Um fogo e espada no Sudão, Bruno del Amo, Madrid, 1930.

Strack, Hermann Leberecht, Miguel Pérez Fernández e Gunter Stemberger, Introdução à literatura Talmúdica e Midráshica, Editorial Verbo Divino, Biblioteca midrasica, 3, Estella, Navarra, 1996.

Wright, NT, O desafio de Jesus, Desclée de Brouwer, Bilbao, 2003.

————, A ressurreição do filho de Deus: as origens cristãs e a questão de Deus, Editorial Verbo Divino, Estella, Navarra, 2008.

Bibliografia em Inglês

Trabalhos citados

Arndt, William F. e F. Wilbur Gingrich. Um Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento e Outra Literatura Cristã Primitiva. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

Ayrout, Henry Habib. O Fellaheen. Traduzido por Hilary Wayment. Rev. ed. Cairo: R. Schindler, 1945.

Bailey, Kenneth E. Jacob e o Pródigo: Como Jesus Recontou a História de Israel.
Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2003.

———. Poeta e Camponês e com Olhos de Camponês. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

A Bíblia em aramaico. Editado por Alexander Sperber. Vol. 1, O Pentateuco de acordo com Targum Onkelos. Leiden: Brill, 1959.

Bispo, Eric FF Jesus da Palestina: O Contexto Local para o Evangelho *Documentos.* Londres: Lutterworth, 1955.

Donahue, John R. "Tax Collector". No Dicionário Bíblico Anchor. Vol. 6.
Editado por David Noel Freedman. Nova York: Doubleday, 1992.

Forsyth, PT Deus Santo Padre. Naperville, Ill.: Allenson, 1957.

Jeremias, Joachim. Jerusalém no tempo de Jesus. Filadélfia: Fortaleza, 1967.

———. As parábolas de Jesus. Nova York: Scribner's, 1963.

Moulton, James Hope e George Milligan. O vocabulário do testamento grego ilustrado dos papiros e de outras fontes não literárias. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.

Robinson, AT uma gramática do Novo Testamento grego à luz da pesquisa histórica. 4ª ed. Nashville: Broadman, 1934.

Salatin, Rudolf Carl von. Fogo e espada no Sudão 1879-1895. Londres: Edward Arnold, 1907.

Trench, RC Notas sobre as parábolas de Nosso Senhor. Londres: John W. Parker, 1857.

Bibliografia recomendada para estudo posterior

Bailey, Kenneth E. Finding the Lost: Cultural Keys to Luke 15. St. Louis: Concordia, 1992.

Blomberg, Craig L. Interpreting the Parables. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1990.

Preto, Matthew. Uma abordagem aramaica dos Evangelhos e Atos. Oxford:
Clarendon Press, 1967.

Bornkamm, Günther. Jesus de Nazaré. Nova York: Harper & Row, 1960.

Dalman, Gustaf. Arbeit und Sitte em Palastina. 7 vols. Gutersloh: C. Bertelsmann, 1927.

———. Jesus-Jeshua: Estudos nos Evangelhos. Nova York: Ktav, 1971.

———. As palavras de Jesus: consideradas à luz dos escritos judaicos pós-bíblicos e da língua aramaica. Edimburgo: T&T Clark, 1902.

Derrett, J. Duncan M. Jesus's Audience: The Social and Psychological *Ambiente no qual ele trabalhou*. Nova York: Seabury Press, 1973.

———. Lei no Novo Testamento. Londres: Darton, Longman & Todd, 1970.

Dodd, CH O Fundador do Cristianismo. Nova York: Macmillan, 1970.

———. As parábolas do reino. Rev. ed. Nova York: Scribner's Sons, 1961.

Donahue, John R. O Evangelho na Parábola. Filadélfia: Fortaleza, 1988.

Edersheim, Alfred. Esboços da vida social judaica nos dias de Cristo. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

Flusser, David. Jesus. Jerusalém: Magnes Press, 1997.

Hultgren, Arland J. As parábolas de Jesus. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

Johnston, Robert M. Interpretações parabólicas atribuídas a Tannaim. 2 vols. Ph.D. diss., Hartford Seminary Foundation, 1977. Disponível em UMI Dissertation Services.

Lachs, Samuel T. Um comentário rabínico sobre o Novo Testamento: o *Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.* Hoboken: Ktav, 1987.

Lightfoot, John. Um comentário sobre o Novo Testamento do Talmud e Hebraica. 4 vols. Grand Rapids: Baker, 1959.

Manson, TW O Ensino de Jesus: Estudos de sua Forma e Conteúdo. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.

———. Os ditos de Jesus: conforme registrados nos evangelhos de acordo com São Mateus e São Lucas, arranjados com introdução e comentários. Londres: SCM Press, 1964.

Mishná, o. Traduzido por Herbert Danby. Oxford: Oxford University Press, 1980.

Moore, George Foot. Judaísmo nos primeiros séculos da era cristã. 2 vols. Nova York: Schocken, 1971.

Nouwen, Henri JM O Retorno do Filho Pródigo. Nova York: Doubleday, 1994.

Oesterley, WOE As parábolas do Evangelho à luz de sua origem judaica. Londres: SPCK, 1936.

Riesenfeld, Harald. A tradição do Evangelho. Filadélfia: Fortaleza, 1970.

Rihbany, Abraham M. O Cristo Sírio. Boston: Houghton Mifflin, 1916.

Safrai, S. e M. Stern, eds. O Povo Judeu no Século I: Geografia Histórica, História Política, Vida Social, Cultural e Religiosa e Instituições. 2 vols. Filadélfia: Fortaleza, 1974,1976.

Scherer, George H. A cor oriental da Bíblia. Londres: União Nacional da Escola Dominical, nd

Strack, H. e Billerbeck, P. Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash. 6 vols. Munique: CH Beck, 1922-1961.

Wenham, David. As parábolas de Jesus: retratos da revolução. Londres: Hodder e Stoughton, 1989.

Wright, NT O Desafio de Jesus: Redescobrindo quem Jesus era e é. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999.

———. Jesus e a Vitória de Deus: Origens Cristãs e a Questão de Deus. Vol. 2. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

Urbach, Ephraim E. Os sábios: seus conceitos e crenças. 2 vols. Jerusalém: Magnes Press, 1987.

Ж

Índice

Folha de rosto dois
Página de direitos autorais 4
Dedicação 7
CONTEÚDO 8
Apresentação da «Biblioteca Teológica da Vida» 9
Introdução à segunda edição 18
Prefácio 25
COMENTÁRIO SOBRE LUKE 15 32
1 Alegrem-se comigo: Lucas 15: 1-10 38
dois. Desejo de morte: Lucas 15: 11-12 57
3 Um plano para ter sucesso: Lucas 15: 13-19 71
Quatro. Um cara a cara explosivo: Lucas 15: 20-24 89
5 O clímax que falta: Lucas 15: 25-32 104
Bibliografia em espanhol 118
Bibliografia em Inglês 119